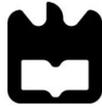




Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2011

**Célia Marina Rocha
Lima Gonçalves
Cunha**

**ÉTICA E DEONTOLOGIA PARA A DOCÊNCIA: SER
PROFESSOR, HOJE**



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2011

**Célia Marina Rocha
Lima Gonçalves
Cunha**

**ÉTICA E DEONTOLOGIA PARA A DOCÊNCIA: SER
PROFESSOR, HOJE**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Especialização em Formação Pessoal e Social, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor António Martins do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho ao meu esposo Pedro pelo incansável apoio e motivação.

o júri

presidente

Prof.^a Dr.^a Maria Manuela Bento Gonçalves
professora auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Prof. Dr. Armando Paulo Ferreira Loureiro
professor auxiliar do Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Prof. Dr. António Maria Martins
professor auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Um agradecimento em especial às escolas que concordaram participar no presente estudo e a todos os professores entrevistados que, com o seu contributo permitiram o avanço do conhecimento sobre a temática. Um grande agradecimento ao Professor Doutor António Martins pela disponibilidade, apoio e compreensão ao longo deste árduo percurso.

palavras-chave

Ética, Docência, Valores, Deontologia

resumo

A sociedade do tempo em que vivemos coloca dificuldades aos professores que não se colocavam nos anos 90. Com o presente estudo pretende-se identificar quais os desafios que se colocavam aos professores no início da sua carreira, comparativamente com a fase em que se encontram presentemente. Pretende-se igualmente identificar quais os dilemas que os professores enfrentam e de que forma os solucionam. Esta investigação será também essencial para reunir as opiniões dos professores entrevistados no que diz respeito à eventual existência e necessidade de um código deontológico para a docência e quais as suas sugestões para a construção deste documento.

keywords

Ethics, Teaching, Values, Deontology

abstract

Nowadays teachers face different challenges than weren't present in the 90s. This study is meant to identify these challenges and compare them with those in the beginning of their career. It is also meant to identify what dilemmas they face and how they solve them. This investigation will also be essential to gather the interviewed teachers' opinions about the eventual existence and need of a deontological code for teachers and also what would be their suggestions for the writing of this document.

Índice

INTRODUÇÃO	5
1. Colocação da Problemática	5
2. Justificação e pertinência do tema de investigação	6
3. Objectivos da investigação	8
Capítulo I. O professor em tempo de mudança.....	9
1. Ser professor, hoje.....	10
1.1.1. - Ser professor numa sociedade pós-moderna	10
1.1.2. - Que desafios?.....	13
1.2. - A natureza ética da profissão docente	14
1.2.1. – O papel do professor na formação ética do aluno.....	14
1.3. - Os dilemas dos professores	16
1.4. – Formação ética dos professores.....	19
Capítulo II. Ética e deontologia.....	21
2.1. Sobre a ética.....	22
2.2. Sobre a deontologia.....	23
2.3. O sujeito ético: consciência e vivência dos valores	27
Capítulo III. Processo metodológico.....	31
3.1. Metodologia global.....	32
3.2. Investigação Qualitativa.....	33
3.3. – Técnicas de recolha e tratamento de dados	36
3.3.1. – A entrevista semi-directiva.....	37
3.3.2. – A análise de conteúdo	39

3.4. – Caracterização dos informadores privilegiados.....	42
Capítulo IV. Análise e Discussão dos Resultados.....	45
4.1. - Ser professor, hoje.....	46
4.2. - Desafios éticos, dilemas e estratégias de resolução	48
4.3. - Promoção de valores na sala de aula.....	52
4.4. - Código deontológico para a docência.....	54
4.4.1 - Características de um código deontológico para a docência	55
4.4.2. - Vantagens e desvantagens na criação de um código deontológico para a docência	57
Considerações finais	60
BIBLIOGRAFIA.....	63

Anexo 1 – Guião da Entrevista

Anexo 2 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 1

Anexo 3 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 2

Anexo 4 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 3

Anexo 5 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 4

Anexo 6 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 5

Anexo 7 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 6

Anexo 8 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 7

Anexo 9 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 8

Anexo 10 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 9

Anexo 11 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 10

Anexo 12 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 11

Anexo 13 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 12

Anexo 14 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 13

Anexo 15 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 14

Anexo 16 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 15

Anexo17 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 16

Anexo 18 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 17

Anexo 19 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 18

Anexo 20 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 19

Anexo 21 – Análise de Conteúdo à Entrevista ao Professor 20

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Identificação dos entrevistados	42
Tabela 2 - Total de referências a valores promovidos na sala de aula.....	51
Tabela 3 – Total de referências a características para um possível código deontológico.	54
Tabela 4- Total de professores a fazer referência a vantagens de um possível código deontológico para a docência	55
Tabela 5 - Total de professores a fazer referência a desvantagens de um possível código deontológico para a docência.	56

INTRODUÇÃO

1. Colocação da Problemática

Os dilemas éticos com que os professores se deparam são, muitas vezes, difíceis de resolver. Sem poder contar com a ajuda da formação inicial nesse âmbito, o professor acaba por tomar decisões baseando-se nos seus valores pessoais. Da inexistência de um código de ética profissional, acaba por resultar uma interpretação pessoal dos limites deontológicos, bem como da orientação da acção docente a adoptar (Santos, 2007: 40). Desta forma, propiciam-se situações de arbitrariedade, levando a uma resolução de conflitos de maneira diferente, por vezes, perante uma situação idêntica (Silva, 1994).

Vários são os autores (Silva, 1994; Seiça, 1998; Mourinha, 2002) que defendem a ideia de que um código deontológico traria autonomia aos professores – na relação com os seus alunos – bem como um maior sentimento de coesão e de cooperação à classe docente. No entanto, esses mesmos autores chamam a atenção das opiniões que estão contra a criação de um código de ética profissional para os docentes. As suas investigações têm mostrado que um código não deve ser rígido nem estático, mas que deve acompanhar o movimento e o avanço da própria sociedade. No artigo de Ilda Veiga (2007:49) “Ética e profissionalização docente” encontramos Andery que refere que “um código de ética profissional deve ser algo em constante revisão e recriação e nunca uma estagnação em normas que rapidamente se tornam obsoletas ou auto-justificadoras da prática imutável e interesseira”. As investigações vêm demonstrar igualmente que não se pode esperar que um código, que é aparentemente geral, dê respostas específicas a problemas específicos. O código de ética deve ser co-participante na resolução dos problemas. Mostram, também, que uma ética formal não deverá ser minuciosa, mas antes uma espécie de guia para ajudar nas tomadas de decisão, tendo sempre presente que este mesmo código deve contemplar a diversidade da sala de aula e não apenas uma situação “modelo”. Para além disso, tem-se colocado como limitação à construção de um

guia ético para professores o facto de esse mesmo documento vir a favorecer atitudes de vigilância e de crítica por parte dos próprios colegas (Estrela, 2003).

Assim sendo, e tendo em conta estes pressupostos, pretende-se com este estudo compreender quais são os entraves colocados pelos docentes à construção de um código deontológico para a profissão docente e de que forma aqueles se poderão ultrapassar.

2. Justificação e pertinência do tema de investigação

Sendo a profissão de professor/educador perspectivada como ética – pela sua natureza e finalidade – poderá beneficiar de uma deontologia formal, na medida em que na maior parte das vezes, os professores se encontram completamente sozinhos nas suas tomadas de decisão éticas. Muitas são as vezes que os professores não sabem quais os valores a promover ou a sancionar na sua actuação diária e esse receio poderá traduzir-se em relativismo axiológico. Em primeiro lugar, é quase impossível educar sem referência aos valores porque toda a acção educativa está imbuída de valores. Em segundo lugar, sendo a docência uma actividade essencialmente formativa, falhando na componente axiológica, estará a comprometer irremediavelmente a formação integral do aluno (Santos, 2008).

No entanto, uma deontologia escrita não é uma garantia de bondade da acção, uma vez que é necessária a vontade do agente (o professor) e este, enquanto agente moral, decide com a sua subjectividade axiológica (Seiça, 2003).

Na verdade, a existência de um código formal beneficiaria não só os alunos, mas sobretudo o professor, porque a afirmação de uma identidade ética junto do público se torna imprescindível para a legitimação social e reconhecimento da função docente e para a promoção do auto-conceito dos professores. Aline Seiça (2003) atribui-lhe uma tripla função: a de preservar (ou até melhorar) a imagem social da profissão, transmitindo auto-controlo e autodeterminação; a de unir os professores em torno de uma ética comum; ao

mesmo tempo, fornecendo-lhes critérios de avaliação da correcção ética dos procedimentos profissionais (Seiça, 2003:24).

Assegurando a autonomia académica e profissional dos professores, um código formal iria garantir a responsabilidade profissional (Santos, 2008). Um código deontológico deve ser “uma contribuição séria para a clarificação de o que é e para que serve a profissão educativa, oferecendo uma infra-estrutura moral básica de comportamento académico e pedagógico humanamente aceitável” (Blázquez cit. Santos, 2007:20). A existência de um documento de apoio para os professores, poderia evitar algumas das situações de ambiguidade e de subjectividade nas tomadas de decisão. Uma deontologia formal poderia ser uma forma de colocar à disposição destes profissionais um conjunto de pistas a fim de os ajudar a tomar uma decisão mais fundamentada e acompanhada.

Jimenez (cit. Veiga, I. 2007:47) afirma que a normatização formal “não está aí para impedir-nos de ser, mas sim para permitir-nos ser mais. As regras morais possibilitam conviver e cooperar, sem o que não teríamos cultura nem civilização. (...) Não existimos para cumprir as normas morais: estas existem para fazer as nossas relações mais produtivas e satisfatórias e para fazer os seres humanos mais felizes e desenvolvidos”.

No entanto, nunca se deverá deixar de ter em conta que um código de ética formal deverá estar ao serviço dos professores, para o benefício de todos, mantendo o respeito pelos alunos e pela sua diversidade. Importa, perceber então, de que forma a existência desse mesmo código poderá, na prática, ajudar os professores.

Este assunto está ainda pouco estudado em Portugal, embora comecem a surgir mais estudos nesta área, são ainda insuficientes. Olhando para o quadro internacional, vemos que já foram dados alguns passos neste sentido. Alguns países possuem já um código deontológico relativamente estruturado (como é o caso da Escócia, País de Gales, Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, entre outros) tendo, no entanto, algumas limitações: em alguns casos não são aplicáveis ao nível nacional; referem-se apenas a um Estado; são para os professores que pertencem a determinada associação (o que faz com que na

mesma escola existam professores com códigos deontológicos diferentes) (Monteiro, 2005:123-195).

3. Objectivos da investigação

Com esta investigação pretende-se essencialmente compreender como é ser professor hoje e quais os dilemas que os professores enfrentam diariamente, procurando identificar as estratégias utilizadas para a resolução destes. A nomeação dos valores promovidos pelos docentes na sala de aula foi também considerada no presente estudo.

No que diz respeito à temática da deontologia para a docência, é objectivo desta investigação a identificação de características que, na perspectiva dos professores, deveriam estar presentes no código. Entendemos que é igualmente importante compreender quais as vantagens e desvantagens que os docentes prevêem para a existência deste documento.

Capítulo I. O professor em tempo de mudança

1. Ser professor, hoje

1.1.1. - Ser professor numa sociedade pós-moderna

Em primeiro lugar, urge colocar a seguinte questão: o que é ser professor? Tentaremos olhar para a profissão do professor através dos seus próprios olhos. Como é que os professores vêem a sua própria profissão? Segundo Santos (2007:106) *“O professor (...) não pode circunscrever a sua acção à sala de aula, não se pode limitar a transmitir secamente os seus conhecimentos científicos sem mais nada (...). Ele deve, pelo contrário, (...) estar atento às necessidades educativas e pessoais do aluno, para melhor o poder acompanhar e orientar.”*

Esta é uma das conclusões a que chega José Santos no seu estudo sobre as representações dos professores: ensinar não é exclusivamente ensinar os conteúdos constantes no programa. O professor tem como função cimeira a de participar na socialização do aluno, fazendo com que este se reveja na comunidade a que pertence, tornando a integração um processo mais fácil.

O autor refere também que, segundo os resultados da sua investigação, os professores sentem-se na pele de profissionais da educação dentro e fora da escola: *“a profissão docente (...) não se esgota no tempo lectivo. Ela transcende as paredes da sala de aula ou mesmo os muros da escola”* (Santos, 2007:105).

No mesmo sentido, o estudo realizado por Aline Seiça (1998) revela que o professor sente sobre os seus ombros a enorme responsabilidade de ser exemplar para os seus alunos, considerando que os actos ensinam mais do que muitas palavras. Desse modo, a postura que o professor assume e permite na sala de aula deverá pautar-se pela coerência e pelo rigor. No entanto, essa postura assumida na sala de aula não deverá estar distante da postura adoptada fora da escola para que os alunos vejam no professor uma figura estável e credível.

Na investigação realizada por Luís Mourinha (2002) sobre as representações ético-deontológicas de professores estagiários, as principais funções que os jovens professores atribuem ao professor e que melhor

caracterizam o trabalho deste agente educativo são: “o organizador de aprendizagens”, “o educador moral e axiológico” e “o socializador”.

Para os professores entrevistados no estudo empírico realizado por José Santos sobre as representações ético-deontológicas de professores estagiários (2007:104), os indicadores que melhor descrevem “ser professor” estão divididos em dois grandes campos: o professor enquanto transmissor de conhecimentos e o professor enquanto educador moral e axiológico. Assim, no que diz respeito ao primeiro ponto, encontram-se indicadores como “ensinar conhecimentos e comportamentos relacionando-os com o quotidiano”, “não assumir sozinho a função de ensinar”, “valorizar a escola”, “partilhar com os outros a nossa experiência”, “estar atento às necessidades pessoais dos alunos” e “ter uma boa relação pessoal com os alunos”. Em relação à visão do professor como educador moral e axiológico, encontram-se indicadores como “ser educador para valores”, “ter perfil próprio”, “aprender todos os dias”, “ser coerente com o que defende e exige”, “sentir o que faz”.

Na nossa opinião, estes indicadores mostram, de alguma forma, que ser professor não é para qualquer pessoa. A própria profissão exige um saber-ser e um saber-estar muito próprios, bem como um perfil profissional e pessoal muito específicos. Vem corroborar esta ideia o estudo realizado por Lurdes Silva (1994:93) onde os entrevistados atribuem grande importância à seguinte ideia: *“ser professor é uma profissão que obriga a um modo particular de ser e de estar, com especial ênfase para o facto de a docência ao mesmo tempo requerer daqueles que a exercem que sintam gosto nisso, prazer, alegria, lhes retribui compensação afectiva, lhes retribui esse gosto, esse prazer, essa alegria”*.

No entanto, o professor move-se numa sociedade que chamamos de pós-moderna e que é importante caracterizar para que possamos compreender o desafio que constitui ser professor nesta época. De uma forma muito breve tentaremos fazê-lo.

Verifica-se que a pós-modernidade acarreta consigo uma sombra de desconfiança, uma crise de individualidade e de relações interpessoais que são fruto de um mundo que valoriza a imagem supérflua da pessoa ao invés do seu

intelecto (Alves, 2000). O homem pós-moderno é um homem diferente do que havíamos visto até então: orientado pelo seu desejo de autonomia e de liberdade, age em obediência a si mesmo e não em relação ao bem e à verdade comuns (Pedro, 2007:36).

E, se de um lado, vemos um mundo cada vez mais industrializado e pós-moderno “*caracterizado pela mudança acelerada, a compressão intensa do tempo e do espaço, a diversidade cultural, a complexidade tecnológica, a insegurança nacional e a incerteza científica*” (Hargreaves cit. Alves, 2000:7) por outro lado, vemos a tentativa da escola de acompanhar este ritmo mas que “*continua a perseguir propósitos profundamente anacrônicos, por intermédio de estruturas opacas e inflexíveis*”.

Para além do desafio que é colocado à escola pelo avanço tecnológico, económico e científico, verificamos dois importantes fenómenos que põem à prova as capacidades de resposta da instituição escolar, bem como a dos professores: a globalização e a massificação do ensino.

Por sua vez, a globalização¹, aliada às novas tecnologias de informação, causou profundas alterações ao nível da sociedade, uma vez que surgem novas formas de interacção no mundo e novas formas de relação social. A forma como comunicamos hoje, é muito diferente de como comunicávamos em tempos idos, sobretudo, porque assume características mediáticas (Pedro, 2007). Antes, seria impensável sequer comunicar em tempo real com uma pessoa do outro lado do planeta com todas as características aliantes de que dispõem os nossos aparelhos. Esta nova forma de comunicar é extremamente convidativa, pelo que milhares de jovens comunicam entre si desta forma. Seja com o vizinho do lado ou com um amigo oriundo de outro país.

O fenómeno da globalização, com repercussões ao nível económico, fomenta a imigração e traz às escolas portuguesas uma heterogeneidade a que os professores portugueses não estavam habituados. Coloca-se um novo desafio

¹ 1 - “Globalização como conceito que se refere tanto à compreensão do mundo quanto à intensificação da consciência do mundo como um todo” (Pedro, 2007, p. 36)

aos professores: lidar com a multiculturalidade e com turmas cada vez maiores com alunos cada vez mais diferentes culturalmente entre si.

Embora o fenómeno da massificação do ensino não seja uma novidade para as nossas escolas, o prolongamento da escolaridade obrigatória para o 12.º ano é. Esta situação faz com que os alunos permaneçam na escola até mais tarde, não por vontade própria mas por obrigação, criando desafios ainda maiores aos docentes.

Torna-se importante não esquecer o lugar que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) estão a ganhar nas escolas como forma de dinamizar as aulas e de tornar o ambiente mais interactivo (vejamos o caso dos quadros interactivos) e que, no caso de alguns professores, representa uma dificuldade séria, na medida que não se encontram devidamente preparados para utilizar estes equipamentos.

A grande questão que se coloca aos professores perante este mundo pós-moderno será: *“como se empenharem eficazmente, nas imagens e tecnologias do mundo pós-moderno, sem se desfazerem da análise cultural, do juízo moral e da reflexão crítica, que aquelas ameaçam dissolver”* (Alves, 2000:18).

1.1.2. - Que desafios?

Segundo Ana Pedro (2007:36), *“ao olharmos a escola actual, verificamos a existência de uma fragmentação do conhecimento, um processo de avaliação por conteúdos, embora sem grande significado para os alunos, facto que a torna menos significativa e menos valorizada, sobretudo se se distanciar da sua função de problematização”*, pelo que se torna essencial dar respostas aos desafios que se lhe colocam para podermos reconquistar a confiança dos alunos e dos encarregados de educação.

Para tal, tomemos como sugestão as propostas de Maria Isabel Candeias (2007) para nos ajudar a ultrapassar alguns os desafios colocados pela pós-modernidade. A sua primeira sugestão é não ficar satisfeito com a insatisfação. É imperativo procurar os percursos *“que contribuam para melhorar os processos de ensino e da aprendizagem e, conseqüentemente, a satisfação profissional,*

mesmo que esses percursos possam ser diferentes dos que são hábito na escola". Tal *"é essencial para desenhar estratégias de mudança"* (idem:134) mas também acompanhando sempre com processos de reflexão e reorientação para que não se perca de vista a realidade e para que sejam feitos os ajustes necessários atempadamente.

Nesta linha, torna-se essencial identificar claramente as dificuldades e as formas de as colmatar: o que significa *"estudar, discutir, empreender caminhos de formação individuais e partilhados, dividindo tarefas entre os elementos do grupo, procurando especialistas, pedindo-lhes apoio na descodificação de conceitos e na exemplificação de práticas"* (idem:135). É igualmente necessário valorizar e promover os espaços de debate, de reflexão, de partilha de problemas, de tomada de decisões e de trabalho colaborativo com a escola e em grupos pedagógicos.

Constitui igualmente um desafio o desenvolvimento de projectos curriculares desenhados para grupos específicos de alunos, tendo em conta as suas características individuais e grupais e as orientações curriculares nacionais.

Por fim, a sugestão da autora passa pela valorização da avaliação enquanto elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas e certificador das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas.

1.2. - A natureza ética da profissão docente

1.2.1. – O papel do professor na formação ética do aluno

Cada vez mais nos parece difícil educar sem valores – e sendo que os professores têm nas suas mãos o poder de educar – não educar para os valores é como não preparar a criança ou o adolescente para o mundo em que viverá. Educar para a tolerância, para o respeito, para a cidadania e democracia torna-se fundamental para a formação de uma consciência activa e participativa.

Segundo Aline Seïça (2003:23), *"os problemas que afectam hoje as sociedades acabam por ser transpostos para a escola e para o espaço da aula (...). A escola e a aula são reconhecidas como espaços de intervenção ética, isto é, como espaços onde acontece a formação de pessoas, pela interiorização e*

pela vivência de valores e de normas de acção individuais e colectivas. Ora tal reconhecimento é condição necessária, ainda que não suficiente, para conferir à acção docente um sentido ético". Na opinião da autora, a actividade docente possui uma natureza ética, na medida em que é realizada por pessoas, de acordo com princípios e finalidades éticos. Nesta mesma linha de pensamento, Maria de Fátima Galveias (1997) conclui que o que torna o ensino uma actividade moral é o facto de se tratar de uma acção humana e que é desenvolvida tendo em conta outros seres humanos.

Precisamente devido ao facto de a docência lidar com seres humanos e com a sua formação, propõe-se a trabalhar "*um dos aspectos mais delicados do ser humano, o seu carácter. O professor age junto dos alunos por forma a que eles adquiram hábitos, costumes, valores. Por forma a que fortaleçam o carácter, se tornem pessoas que orientem a sua vida para o bem*" (Silva, 1994:9). A educação pretende, acima de tudo, preparar os alunos para a vida activa: o dever, a obrigatoriedade e universalidade das leis, a liberdade, a autonomia nos actos e nos pensamentos (*idem*). Acrescentaríamos, a esta noção, que a função cimeira da educação, para além do já referido, é também a de munir os alunos de ferramentas necessárias que lhes permitam movimentar-se no mundo do trabalho e tornarem-se elementos activos na sociedade.

Para além do efeito que a educação tem no próprio indivíduo ao formá-lo, a docência tem uma função humanizadora e socializadora, na medida em que "*se dirige ao indivíduo e, por intermédio dos indivíduos, se dirige à configuração da própria sociedade. O professor, agindo junto das jovens gerações está a agir junto daqueles que hão de vir a ter uma intervenção na própria sociedade, na qual se hão-de vir a incorporar*" (Cordero cit. Silva, 1994:11) e, por esse motivo, a construção da estrutura ética com que os alunos sairão da escola, dependerá grandemente da maneira como o professor encare o seu papel de educador ético e o coloque em prática. É essencial que os professores se tornem conscientes da inevitável orientação teleológica do processo educativo. É que não são indiferentes os fins que se pretendem atingir e que determinam, conseqüentemente, o tipo de educação que se vai realizar, pelo que o professor

“nunca é neutro quando escolhe os caminhos pedagógicos que vai percorrer” (Seiça, 1998:63).

No entanto, os domínios éticos da profissão docente vão para além da relação com os alunos. Estes estendem-se à relação com o saber, com os colegas, com a escola/profissão, com a sociedade, ou até em relação a si próprio, como profissional (Estrela et al. 2009:17).

Não poderemos deixar que o poder que o professor tem de educar para os valores seja deturpado e acabe por comprometer a formação dos indivíduos. Como nos lembra Manuel Patrício (1995:19), *“o professor não é, nem pode ser, um propagandista ou inculcador de valores, ao serviço de interesses particulares e seguramente contra o homem, mas um indutor axiológico imprescindível e de mais alta importância, ao serviço exclusivo do homem e da pessoa livre que cada homem é. O professor é esse indutor axiológico em todos os planos ou ordens axiológicas”*.

1.3. - Os dilemas dos professores

[um dilema é] *“uma escolha entre duas ou mais tomadas de decisão, em que, de todos os lados, há obstáculos que tornam difícil saber qual a melhor opção”* (Berlak and Berlak cit. Cordeiro Alves, 2005:80)

Esta foi a definição de dilema dada por Berlak and Berlak em 1981, e, apesar de volvidos mais de vinte anos continua, na nossa opinião, perfeitamente actual. Demonstra a dificuldade que é optar por um caminho, ou outro, quando há dúvidas quanto às consequências das decisões que se poderão tomar. Outras definições surgiram, mais completas e aplicando-se mais especificamente à profissão docente, como é o caso de A. P. Caetano (1992:127), que define os dilemas como *“as vivências subjectivas (não as situações externas), os conflitos interiores, cognitivos e práticos, ocorridos em contextos profissionais e em relação aos quais o professor equaciona duas ou mais alternativas (de acção e/ou de valoração) divergentes entre si”*.

Os dilemas podem encontrar-se, segundo Ben-Peretz and Kremer-Ayon (cit. Cordeiro Alves, 2005:83), divididos por 4 contextos (independentemente de se tratarem de jovens professores, veteranos ou mesmo directores). Assim, temos em contexto de transição alguns dilemas frequentes, como por exemplo: optar entre ser um bom profissional ou ter boas relações com os colegas; considerar os conhecimentos adquiridos na formação ou agir intuitivamente e impulsivamente perante a realidade; escolher entre a necessidade de adoptar um estilo autónomo ou a necessidade de pertença ao grupo de professores; ou até, entre se envolver mais na vida da escola ou ser menos activo. No que diz respeito ao contexto de planificação e currículo surgem também algumas questões: entre ser mais autónomo ou manter fidelidade ao currículo externo; cobrir o programa em extensão ou trabalhá-lo em profundidade. Nos contextos de gestão de sala de aula despontam também alguns dilemas – que serão até os mais comuns – como por exemplo: “como punir os alunos?” ou “como manter o controlo da aula?”.

Quanto aos contextos em que surgem dilemas sociais e éticos, estes parecem ser os mais complexos de resolver porque as decisões do professor influenciam directamente a formação do carácter dos alunos: optar entre os valores pessoais do professor ou entre os valores institucionais; como lidar com situações de multiculturalidade; escolher entre uma pedagogia selectiva ou uma pedagogia integradora; agir em função de valores e princípios enunciados ou agir em função dos indivíduos e das situações. Existem também situações de conflito entre colegas (professores) e alunos e, nesse caso, coloca-se a questão de ser solidário com os colegas ou ser solidário com os alunos.

Zabalza (1991: 161-187) propõe-nos uma categorização diferente e que no seu estudo se agrupam em três categorias:

- O dilema relacional – disciplinar (Afectividade vs Ordem), em que o professor, por um lado, pondera as relações de actividade e os laços que tem com as crianças e, por outro lado, a exigência de manutenção da ordem para se poder trabalhar. De uma forma geral, este dilema é resolvido pelo professor através da reconceptualização do pólo da ordem;

- O dilema organizativo (Atenção individual vs atenção grupal), em que o professor considera entre conceder a atenção especial a algumas crianças mais necessitadas ou dar uma atenção geral ao grupo turma. A grande questão aqui centra-se no facto de se conseguir conceder mais atenção a um certo grupo de crianças mais necessitadas e evitar que o resto da turma se ressinta. Tal parece uma tarefa impossível, pelo que o professor não dispõe de meios para atender aos necessitados e manter os restantes alunos ocupados. Segundo o autor (*idem*), a possibilidade de responder a esta questão passaria por duas situações: deixar o grupo turma a trabalhar individualmente e ceder então a atenção aos mais necessitados. Para tal, o professor necessitará de dispor de vários recursos didácticos para os dois grupos.

- O dilema da *competência própria* (*Necessidade de um desenvolvimento profissional permanente*), em que o professor manifesta uma tensão pessoal permanente para o aperfeiçoamento profissional, desejando saber mais a nível teórico e de técnicas concretas de trabalho com crianças. Este dilema só terá solução se o professor aproveitar as várias oportunidades que se lhe colocam (como cursos de formação, oportunidades de progressão na carreira universitária, entre outras).

Mas, a grande questão que impera é: quais são os factores que “provocam” estes dilemas nos professores? Segundo autores vários como Ben-Peretz, Noguera, Lampert, entre outros (cit. Cordeiro Alves, 2005:87) alguns desses factores são: a diferença entre os ideais do sujeito em dilema e a realidade envolvente; o pólo externo ao professor, dada a existência de múltiplas obrigações do professor; as contradições do próprio ser humano, os seus conflitos interiores, a incompatibilidade e a divergência entre os imperativos axiológicos.

No entanto, estes factores não actuam de forma linear ou isolada da causa dos dilemas, pelo que estarão presentes diversas variáveis.

Como se poderá, então delinear uma estratégia de resolução de alguns destes dilemas? Uma das soluções poderá passar por evitar o conflito (que na opinião de Wagner [cit. Cordeiro Alves, 2005:88] poderá corresponder a uma supressão de emoções); outra solução poderá ser a estratégia de reorganização

social, como um processo deliberativo, um compromisso entre os pólos do conflito; também será possível a escolha entre uma das alternativas do conflito, o que poderá representar uma solução provisória, sem que o dilema tenha sido verdadeiramente resolvido; ou então, a *estratégia de negociação*, em que a solução do dilema, escapando ao controle total do sujeito, resulta mais dos processos de interacção entre este e o contexto, processos fundamentalmente intuitivos, em que o professor é frequentemente ultrapassado pelas contingências (Cordeiro Alves, 2005:88).

Talvez porque os dilemas se afiguram como situações difíceis de resolver, é necessário que estes profissionais se sintam à altura do desafio. Para tal, é imprescindível saber de que tipo de formação ou preparação dispõem para lidar com estes problemas.

1.4. – Formação ética dos professores

Diariamente, os professores têm que dar provas de competências que não têm sido objecto de formação inicial ou sequer de formação contínua. A ausência de uma disciplina sobre ética e deontologia profissional na formação inicial e contínua dos professores, que permita uma sensibilização e um treino de atitudes e competências relacionadas com a tomada de decisão, faz com que se tenham alimentado mais receios do que considerações fundamentadas. Por esse mesmo motivo, faz sentido pensar na formação a que os professores têm tido acesso e de que forma a ausência de formação nesta área tem influenciado os seus processos de tomada de decisão quando têm que resolver um dilema. A falta de formação nesta área específica e a falta de treino fazem com que os professores tomem as suas decisões baseando-se nos seus valores pessoais e na sua experiência, resultando uma interpretação pessoal sobre os limites deontológicos (Santos, 2007: 40).

E neste sentido, o estudo de Teresa Estrela juntamente com outros investigadores (2009), sobre as concepções éticas dos professores do ensino universitário e não universitário, vem dar conta de uma separação entre uma ética

pessoal e uma ética profissional no ponto de vista dos próprios professores, pelo que se demonstra ser cada vez mais necessário estabelecer as fronteiras entre aquilo que podem ser os valores pessoais e os institucionais.

O que outros estudos (Caetano e Silva, 2009) têm revelado é que praticamente não existe formação ética nem na formação inicial de professores, nem na formação contínua. Alguns professores afirmam tratar alguns assuntos relacionados com a ética de uma forma transversal noutras disciplinas, mas a verdade é que não existe um espaço dedicado à exploração de dilemas e de estratégias de resolução, de diálogo e de partilha. Assim, o que se verifica é que, na maior parte das situações, os professores apresentam um conhecimento empírico de ética, aprendido no seu contexto diário ou noutros contextos, mas que, em muitos casos se pode revelar insuficiente.

Sendo que não existe nenhum guia axiológico pelo qual os professores se possam guiar, nem os próprios professores dispõem de apoios para tomarem decisões fundamentadas, e sendo que o tempo disponível para a procura de informação especializada é reduzida, acabam por depender inteiramente do seu bom-senso. Contam com a sua própria capacidade e habilidade para resolver os problemas ou dilemas que têm em mãos.

Verificamos no estudo de Maria Teresa Estrela et al. (2009:12), que alguns dos professores entrevistados referem que seria conveniente que houvesse formação nesta área, não só ao nível da formação inicial, como também ao nível da formação contínua. Os professores entrevistados consideram que *“o currículo de formação inicial deveria incluir conteúdos que permitissem a abordagem dos valores, o tratamento dos conceitos, o trabalho sobre critérios de justiça, a fundamentação epistemológica, o aperfeiçoamento da consciência ética, o lidar com os deveres dos professores, a análise da legislação sobre o perfil do desempenho profissional”*. Todo este processo, acrescentam, deverá ser feito recorrendo a metodologias que estimulem a reflexão e fazendo observação de casos concretos.

Capítulo II. Ética e deontologia

2.1. Sobre a ética

No dia-a-dia, não raras vezes, os conceitos de ética e moral são confundidos, igualados e misturados. Na verdade, ética e moral tocam-se no sentido em que dizem respeito ao ser humano, mas, ao olharmos mais de perto, vemos que as suas diferenças são consideráveis.

Segundo Ricoeur (cit. Monteiro, 2005:30) “deve-se distinguir entre ética e moral, reservar o termo ética para todo o questionamento que precede a introdução da ideia de lei moral e designar por moral tudo o que, na ordem do bem e do mal, se refere a leis, normas, imperativos”. Na mesma linha de pensamento, Isabel Baptista (2005:20) corrobora que a ética se refere à “reflexão sobre os princípios que devem nortear a acção humana”, enquanto a moral é composta por normas que orientam a nossa conduta.

No entanto, viver numa encruzilhada entre ética e moral não é fácil, já que “a moral define as Boas Formas da conduta, enquanto a ética interroga o sujeito preso nesta moral, interpelando-o exactamente onde ele acredita estar em regra, além de transtornar as certezas daquele que faz tudo o que é conveniente” (Imbert, 2001:93). Por essa mesma razão, Isabel Renaud afirma que “o agir ético é difícil, porque não é automático encontrar o equilíbrio entre atitudes desordenadas” (2001:37).

E este equilíbrio é ainda mais difícil de atingir quando o tentamos procurar numa sociedade desequilibrada, como é presentemente a que temos. Por essa razão, ser professor e educador, hoje, é cada vez mais desafiante. Temos, por um lado, uma sociedade sem valores de referência, e por outro, professores que tentam concretizar a enorme tarefa “de orientar caminhos de desenvolvimento pessoal num mundo que desejamos cada vez mais humano” (Baptista, 2005:19).

A ética desafia as convenções morais que temos, fazendo-nos questionar e reflectir acerca do nosso comportamento. Por esse motivo, Isabel Baptista afirma que “a atitude ética (...) representa o contrário da indiferença e do conformismo”. Sobretudo na profissão de professor, onde parte da função é orientar o caminho individual dos alunos e ajudá-los a formarem-se enquanto humanos e cidadãos, a

decisão fundamentada e reflexão tornam-se absolutamente fundamentais. Assim o poderemos inferir da afirmação de Baptista (2005:19) “enquanto tarefa permanente, e de constante labor criativo, a ética obriga desde logo, a reflectir sobre as finalidades da educação neste tempo difícil em que nos coube ser educadores”.

E, se por um lado, a reflexão ética se torna fundamental, por outro lado, não sobreviveríamos enquanto sociedade sem normas éticas. Conforme observa Dan Sperber (in Changeux, 1993:325) “as normas éticas são uma necessidade (...) natural das sociedades humanas, as quais têm, como as outras, necessidade de regras, mas que, além disso, têm necessidade de justificações racionais para essas regras, para as poderem aceitar. A eficácia da regra não é para nós suficiente. Os homens têm necessidade de saber se a regra que seguem é legítima”.

2.2. Sobre a deontologia

Segundo Agostinho Reis Monteiro (2005:26), uma “*Deontologia ou Ética Profissional é um código de princípios e deveres (com os correspondentes direitos) que se impõem a uma profissão e que ela se impõe a si própria, inspirados nos seus valores fundamentais*”. O mesmo autor lembra-nos que estes valores não podem ser diferentes dos valores da sociedade em que a profissão se insere, nem podem ser diferentes dos valores universais. É necessário pois, que se faça uma particularização destes, aplicados à profissão e às situações específicas do seu exercício, já que, no código surgirão preceitos de moral comum, mas também de moral específica da profissão.

Uma deontologia pode ser operacionalizada num texto deontológico ou código deontológico que consistirá na proclamação dos valores fundamentais da profissão e na formulação de princípios de responsabilidade profissional consequentes; na sua operacionalização através da tradução dos princípios em deveres para com todas as partes envolvidas no seu exercício; e na afirmação dos direitos correspondentes (Monteiro, 2008:48).

Segundo a New Zealand Teachers Council (cit. Monteiro, 2004:26), um código de Ética profissional «é uma declaração pública, feita por uma profissão, sobre os seus princípios éticos comuns e como esses princípios devem ser aplicados, para promover as mais elevadas normas de serviço profissional». Uma deontologia encarada desta forma ajudaria os professores a ter uma noção mais real do que é esperado do seu comportamento enquanto profissionais de educação e informaria a sociedade sobre o que deverá ser exigido de um professor.

O mesmo autor refere que *“a exigência ético-deontológica é tanto maior quanto maior for a autonomia e mais poderosos forem os meios de que dispõe a profissão, quanto maior for a assimetria entre o profissional e os destinatários dos seus serviços, quanto mais directamente e essencialmente em causa estiver a pessoa humana, e também quanto maior é a exposição pública da profissão.”* (Idem: 2005:26). Ao reflectirmos sobre aquilo que o autor nos diz, torna-se evidente o encaixe que a profissão docente tem nesta descrição. Os professores dispõem de autonomia e liberdade para ensinarem os conteúdos criando estratégias diversificadas e personalizadas; a assimetria entre o profissional e os destinatários é efectivamente grande, gerada pela existência de hierarquias; o ser humano está em causa porque se trata da sua formação basilar enquanto indivíduo e cidadão numa fase crucial da formação da personalidade; e, por fim, é efectivamente inegável a exposição pública da profissão docente, sobretudo através da comunicação social. Assim nos deparamos com as implicações de uma deontologia na educação, através de uma ética pedagógica, na medida em que *“orientar seres humanos é sempre um agir pedagógico que deve ser responsável porque influencia ou pode influenciar o desenvolvimento da personalidade daqueles que estão submetidos a uma orientação, por livre aceitação ou por necessidade”*. (Löwisch cit. Monteiro, 2005)

No entanto, não existe um código deontológico que regule a profissão docente, pelo que continuamos a assistir a interpretações pessoais que têm como fundamento as éticas individuais – baseadas na experiência de vida dos

professores – que poderão ser desejáveis ou indesejáveis pela sociedade em geral.

Ainda que difícil, é possível traçar um caminho para a deontologia na docência. Agostinho Reis Monteiro (2004:28) afirma que para se formular uma deontologia dever-se-á, primeiramente, identificar as fontes normativas que servirão de base ao código deontológico; de seguida deduzir-se-ão os seus princípios e, por fim, traduzir-se-ão esses princípios em deveres e direitos. No que diz respeito às fontes normativas, o autor tem algumas sugestões de documentos que poderão ajudar à reflexão e à construção do código deontológico para a docência (2004:81), sendo eles: a Declaração Universal dos Direitos Humanos; a Convenção sobre a luta contra a discriminação no domínio do ensino; a Convenção sobre os direitos da criança; a Recomendação sobre a condição do pessoal docente; a Constituição da República Portuguesa; a Lei de Bases do Sistema Educativo; o Estatuto da Carreira Docente, entre outros.

Existem já alguns estudos sobre a deontologia na docência (Silva, 1994; Santos, 2007; Monteiro, 2005) que mostram que um dos entraves que os professores colocam à construção de um código deontológico para a docência é o facto de este limitar a consciência individual e a autonomia do docente. Verificam-se também vários pontos positivos a seu favor: um código deontológico promove a identidade do profissional e reforça o sentimento de pertença a uma profissão; protege os direitos e deveres e os próprios profissionais contra pressões ilegítimas e concorrência desleal; impõe direitos e deveres, estabelecendo alguns limites para a própria profissão (Monteiro, 2005:27). Focando-se mais especificamente na imagem do professor, Aline Seiça reforça que um código deontológico para os professores teria uma tripla função: “contribuiria para preservar ou para melhorar a imagem social da profissão (...); contribuiria também para unir os professores em torno de um *ethos* comum e, ao mesmo tempo, fornecer-lhes um critério uniforme de avaliação da correcção ética dos procedimentos profissionais; reforçaria a construção da identidade profissional” (2003:24).

A mesma autora indica que “uma ética profissional que reflectisse as razões e as intenções dos professores como classe e a definição de um código de deveres em conformidade com elas seriam possivelmente os melhores meios de promover o bem educativo dos alunos, e ao mesmo tempo, o estatuto social da profissão docente” (2003:17). Este tipo de intenção de concentrar num só documento os direitos e os deveres dos professores ajudará a reconquistar a opinião pública e o respeito dos alunos. Servirá também como um ponto de partida à reflexão e um apoio moral nas situações mais complexas com que os professores se deparam diariamente, como refere Aline Seíça (2003:22) “na maior parte das vezes, o professor está completamente só nas suas tomadas de decisão, apenas encontrando nos seus próprios valores, princípios de conduta e convicções pessoais as razões das escolhas que fez”. A autora acrescenta ainda que “na verdade, o professor tem que dar prova de competências que não têm sido objecto de formação inicial, académica, específica” pelo que a necessidade de apoio e de confirmação da correcção das suas decisões torna-se fundamental para uma vivência mais feliz na profissão.

Segundo Agostinho Reis Monteiro (2004:68), o agir deontológico na educação é ainda mais complexo do que na maior parte das profissões liberais, primeiramente porque “os critérios da boa educação são culturalmente mais relativos e diversos, quando não opostos” comparativamente com os critérios de “bom serviço” noutras profissões; em segundo lugar porque “a educação é uma dialéctica natureza-cultura, autoridade-liberdade, em que os mais velhos (...) tomam decisões pelos mais novos (...), determinantes da personalidade e do futuro”; e em terceiro porque na educação não há lugar para o “consentimento esclarecido” no sentido em que os alunos geralmente não podem escolher os professores que têm.

Estas questões abrem-nos algum caminho justificativo para a necessidade de um código deontológico (com todas as suas implicações) ou de um guia ético (de carácter sugestivo). No entanto, existem várias possibilidades para conceder o apoio reflexivo que os professores necessitam, não sendo um código deontológico uma resposta única. Este apoio poderá ser concedido através de

formação inicial/formação contínua, através da criação de um código ou através daquilo que Isabel Baptista chama as *éticas aplicadas* (2005: 29).

As éticas aplicadas são fundamentalmente constituídas pela sabedoria ética dos professores, numa “valorização de um conhecimento produzido pelos próprios actores e em diálogo reflexivo com as realidades históricas” (*idem*:29) em que o desafio é encontrar respostas contextualizadas para problemas concretos e quotidianos. As éticas aplicadas têm como base: a ligação dinâmica entre a reflexão ética e a vida moral; a articulação entre as normas e as acções, definindo padrões de conduta; a valorização do indivíduo na resolução dos seus próprios problemas; entre outros (*idem*:31).

A dificuldade de encontrar um caminho para a normatização ética da profissão docente encontra-se precisamente na sua aplicação e vivência diária. As éticas aplicadas acabam por não se tornar viáveis por várias razões: em primeiro lugar porque o carácter de imperfectibilidade do ser humano (e a sua subjectividade) impede que este modelo funcione; em segundo lugar porque os professores não têm tempo para reflectir devido à sobrecarga de trabalho com que se encontram actualmente; e, em terceiro lugar, este modelo exigiria tempo e disponibilidade mental para reflexão que a maior parte dos profissionais não tem. No caso do código deontológico, ainda que conseguindo chegar a documento único, legalmente válido, por si só não seria uma garantia de cumprimento. Poderia funcionar como uma referência para um agir correcto, mas dificilmente se conseguiria uma mudança de atitude. Para que haja esta mudança visível, esta deve acontecer intrinsecamente, criando uma consciência dos valores que são transmitidos aos alunos.

2.3. O sujeito ético: consciência e vivência dos valores

A expressão “valor” pode ter mais do que um sentido: pode ser um valor enquanto a vivência do mesmo ou enquanto a qualidade valorativa de algo. Segundo Hessen (1944:38) “todos nós valoramos e não podemos deixar de valorar. Não é possível a vida sem proferirmos constantemente juízos de valor. É

da essência do ser humano conhecer e querer, tanto como valorar (...) todo o querer, com efeito, pressupõe um valorar. Nada podemos querer senão aquilo que de qualquer maneira nos pareça valioso e como tal digno de ser desejado” e esse é o princípio básico da valoração: algo só terá valor se houver um sujeito dotado de consciência capaz de registrar.

Dentro do conceito de valor existem várias divisões: valores individuais e subjectivos; valores sensíveis e espirituais; formais e materiais. No entanto, focaremos no nosso trabalho apenas os que necessitamos para trabalhar o assunto: os valores éticos. Os valores éticos enquadram-se, segundo Johannes Hessen, nos valores espirituais (onde se enquadram também os valores lógicos, os estéticos e os religiosos). Os valores éticos são, segundo o autor, universais porque a sua pretensão a serem realizados é universal e são valores com exigências de imperativos absolutos porque exigem à consciência que “os atenda e os realize”. A sua exigência vai além daquilo que consideraríamos razoável já que “constituem uma norma ou critério de conduta que afecta todas as esferas da nossa actividade e da nossa conduta na vida” (1944:105-112)

Da mesma forma que conseguimos ter consciência de um determinado bem (como a saúde), também é possível termos consciência dos nossos valores. Essa tomada de consciência está ligada à emoção, como nos diz Hartmann (cit. Hessen, 1944:130), “toda a captação dos valores assenta no sentimento directo que temos deles. Os actos com que os apreendemos não são em caso algum actos de 'puro conhecimento' mas de sentimento; não são intelectuais, mas emocionais”. O mesmo autor continua dizendo que «o sentimento dos valores não é nem mais nem menos objectivo que o conhecimento matemático. Simplesmente (...) temos de o extrair (...), para tomarmos mais claramente consciência dele».

Johannes Hessen (1944:140) operacionalizou o processo de vivência e apreensão dos valores: o carácter de imediatidade; o conhecimento intuitivo e a natureza emocional. Neste processo de vivência dos valores é possível vislumbrar de certa forma, o processo pelo qual passamos na apreensão de um valor. No carácter de imediatidade “os valores são apreendidos, captados, directamente, imediatamente, por nós (...) não utiliza quaisquer deduções e operações mentais

para chegar até aos valores; de um salto, apreende-os, acha-se junto deles”; no caso do conhecimento intuitivo o seu conteúdo “é apreendido num acto de intuição”; e no caso da natureza emocional, pressupõe-se que os valores que pertencem à nossa faceta emotiva darão acesso a uma forma emocional de conhecimento.

No entanto, ainda que nos seja possível descrever e interpretar os valores, nada ultrapassará a experiência da vivência, como o afirma Hessen (1944:141) “se é certo que determinados comportamentos, como os do homem justo, moderado, puro, podem ainda até certo ponto servir de base para uma elucidação racional da sua valia, com fundamento em considerações sobre a essência e os fins do homem, não é menos certo, por outro lado, que o verdadeiro conteúdo íntimo e a qualidade valiosa das virtudes chamadas justiça, temperança, pureza, é que não podem deixar de ser apreendidas e intuídas exclusivamente numa vivência directa”.

Mas nem sempre a vivência dos valores é uma experiência pacífica e virtuosa. Paul Valadier, na sua obra *A Anarquia dos Valores* (1997:207), fala-nos das consequências de não conseguir viver a plenitude dos valores: “por um lado, querer um valor (trabalhar por mais justiça ou por mais solidariedade) é fonte de satisfação, e tanto o respeito como a estima por si mesmo alimentam-se e aprofundam-se na própria experiência de perseguir um valor, inclusive através das resistências sociais e das incompreensões que suscita tal desempenho” mas isto gera um paradoxo. Por um lado, a procura dos valores é gratificante, ainda que seja um caminho difícil porque o sujeito se sente feliz no fim; por outro, pode existir uma certa frustração porque nem sempre os resultados estão à altura do que se espera e os valores acabam por se tornar inacessíveis e ilusórios.

Esta frustração pode conduzir a um medo de tomar decisões quanto aos valores que queremos viver e promover (relativismo axiológico) e a dúvidas sobre a correcção dos nossos interesses. Valadier explica que grande parte das nossas acções baseiam-se, maioritariamente, nas motivações pessoais (desejo de sucesso, etc.) e não por amor incondicional à justiça ou à paz: “a decisão está inserida nesse complexo de dados mesclados onde se misturam de uma forma

inextricável o melhor e o pior” (1997:93). Isso faz com que possamos, inconscientemente, estar a investir num universo de valores que depende inteiramente da nossa livre decisão e que pode resultar numa situação valorativa arbitrária.

O medo de tomar decisões perante tal possibilidade pode levar a que a pessoa se abstenha de tomar uma decisão e de seguir determinado valor. No campo da educação, não é possível que o educador se abstenha de promover determinado tipo de valores, como um professor na sala de aula, simplesmente porque se sente incapaz de promover valores ou porque desacredita que a sua promoção vá ter qualquer tipo de influência nos alunos. Torna-se cada vez mais necessário agir.

Capítulo III. Processo metodológico

3.1. Metodologia global

No presente capítulo propomo-nos a fazer uma breve apresentação teórica acerca do método e das técnicas escolhidas para a realização do presente trabalho; de seguida elucidaremos o leitor sobre o percurso percorrido e as dificuldades encontradas e por fim caracterizaremos os informadores privilegiados/entrevistados. Tentaremos, sempre que possível, estabelecer uma ligação entre a prática e a teoria, para que esta última não surja descontextualizada.

O presente trabalho assumiu uma dinâmica diferente de uma investigação tradicional, na medida em que não seguiu de forma linear as 7 etapas que uma investigação deve seguir (Quivy, 2003:48). A fase de interrogação foi sem dúvida o ponto por onde começou o tema da investigação, cuja escolha teve origem durante a licenciatura, aquando da leitura sobre o assunto e a troca de ideias com um docente. Dessa troca surgiu a necessidade de dar resposta a questões que na altura – há cerca de 10 anos – pareciam não ter solução. A indagação aumentou com os movimentos associativos dos professores no ano de 2010 contra a política educativa então instaurada. Houve sempre a necessidade de saber se, dez anos volvidos, as concepções dos professores sobre a sua profissão e os desafios se continuam a colocar de igual forma e se permanecem iguais.

Assim, ao dar-se início ao processo de investigação tendo por base as questões iniciais, a revisão bibliográfica começou a ser feita. Deste processo de leitura e descoberta surgiram outras questões que vieram posteriormente a constituir o presente estudo. Tornava-se imperativo, nesta fase, compreender o tema e procurar a maior quantidade de informação possível, avaliando qual dessa informação respondia às nossas preocupações.

Partindo então da teoria e das perguntas iniciais, formulou-se o guião de entrevista que serviria como fio condutor das nossas entrevistas semi-directivas. As questões iniciais e os objectivos principais do estudo serviram como estrutura

fundamental para a criação do guião de entrevista, tendo como intenção a recolha de dados que nos permitisse responder a essas mesmas questões.

A análise de conteúdo surge então no nosso estudo como forma de tratamento e interpretação dos dados recolhidos e como uma ferramenta essencial para as inferências realizadas. Será a partir da análise de conteúdo que encontraremos as respostas às nossas questões iniciais e poderemos então avançar com algumas conclusões sobre a nossa investigação.

Uma das dificuldades com que nos deparámos foi a necessidade de aprendizagem e redefinição constantes ao longo do percurso. À medida se investigava mais o tema, surgia também uma maior sensibilidade na colocação das questões aos docentes e aumentando a nossa compreensão do tema. Todas as fases descritas foram simultâneas e interligadas, não havendo nenhuma que se tivesse verificado isoladamente.

Dado o carácter da nossa investigação, a escolha do método para conduzir o presente trabalho apontou para a análise qualitativa desde o primeiro momento. As questões colocadas na presente investigação teriam que ser, impreterivelmente, tratadas com uma aproximação e delicadeza que dificilmente conseguiríamos com um método com características quantitativas.

3.2. Investigação Qualitativa

De todos os métodos e técnicas de investigação² que estão ao dispor dos investigadores, identificamos para as Ciências Sociais duas estratégias metodológicas principais que têm preocupações e objectivos diferentes. Falamos do método quantitativo e do método qualitativo. Estes dois métodos utilizam técnicas de investigação e ferramentas diferentes, influenciados pelos tipos de dados que se pretendem recolher.

² Entendemos enquanto método uma linha de trabalho que pressupõe a existência de objectivos com um corpo orientador de pesquisa; uma metodologia como um conceito vago que estuda métodos científicos; e como técnica de investigação, o instrumento em si (Pardal e Correia, 1995)

Segundo Natascha Mack (2005:3) os métodos: qualitativo e quantitativo variam, sobretudo, nas suas preocupações essenciais. Relativamente aos propósitos gerais, enquanto o método quantitativo procura confirmar hipóteses sobre certos fenómenos, utilizando um estilo rígido de categorização e métodos altamente estruturados; o método qualitativo procura explicar os fenómenos, desenvolvendo instrumentos que utilizam métodos mais flexíveis de obtenção de respostas e conseqüente categorização, através de métodos semi-estruturados (tais como entrevistas e observação participante).

No que diz respeito aos objectivos analíticos, o método quantitativo procura quantificar a variação, tentando prever relações causais para descrever características de uma população; o método qualitativo procura descrever a variação, explicando as relações e descrevendo experiências individuais.

Por fim, quanto à flexibilidade do design do estudo, o método quantitativo utiliza um design estável do início ao fim, estando condicionado a pressupostos e condições, pelo que as respostas dos participantes não influenciam nem determinam a forma como as questões são colocadas. Por sua vez, no método qualitativo, alguns aspectos do estudo são flexíveis (como a adição e exclusão de algumas questões) pelo que as questões que são colocadas aos participantes são afectadas pelas respostas que vão sendo dadas.

Segundo Mack (2005:6) as maiores diferenças entre os dois métodos são: a operacionalização dos objectivos, os tipos de questões colocadas, os tipos de dados que são produzidos e o grau de flexibilidade no design do estudo.

Complementamos ainda com a perspectiva de Bodgan e Biklen (1994:47-51) acerca do investigador qualitativo confirmando que este se interessa mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos e que a busca do significado da acção ou pensamento é muito mais importante do que os números que se possam obter.

Em relação ao presente estudo, acima de tudo, a escolha do método qualitativo prendeu-se essencialmente com a necessidade explicativa de questões para as quais não encontrávamos resposta na bibliografia. Sobretudo com as alterações que a sociedade tem sofrido, muitas das respostas encontram-se já

desactualizadas e descontextualizadas. Assim, para obter as respostas que necessitávamos, era fulcral seleccionar um método que assumisse um carácter o mais flexível possível. Num assunto delicado como é a questão da ética e deontologia docente, muitas vezes as questões não poderiam ser colocadas sem uma contextualização ou um encadeamento na entrevista, e é nas respostas que se obtêm que consta a maior riqueza dos dados. Se se optasse por um método que fosse mais rígido, correríamos o risco de não conseguir criar um espaço de reflexão em que os professores pudessem pensar na sua prática diária. A flexibilidade da entrevista semi-directiva permitiu-nos aprofundar as questões com os entrevistados, sempre que possível, não perdendo de vista o rigor e o fio condutor dos objectivos para os quais propusemos trabalhar.

A escolha do método qualitativo foi igualmente importante na abordagem das duas escolas. Uma das situações com que nos deparámos foi a dificuldade em encontrar professores com disponibilidade para responder à entrevista. Se houvesse intenção de constituir uma abordagem metódica e seleccionando os professores com a intenção de construir uma amostra, provavelmente não teríamos conseguido atingido os objectivos. Vimos a nossa entrevista ser recusada por muitos professores, que se comprometiam a enviar um e-mail marcando uma data, e dos quais nunca chegámos a receber uma resposta. Perante esta dificuldade, a opção foi adaptar ao método qualitativo aquilo que Mack (2005:5) chama de “amostragem por bola de neve”. Os professores respondiam melhor e de forma mais dedicada quando os investigadores eram recomendados por um colega seu conhecido. O tipo de amostragem a que Mack se refere pressupõe a chegada do investigador até “populações escondidas” com as quais não se teria contacto se não fosse desta forma. A dificuldade desta abordagem é que, no caso de a entrevista ser confidencial – como é o caso – o investigador tem que ter um cuidado acrescido com os exemplos que pode dar porque o entrevistado pode reconhecer a história de um colega e assim perder a confiança. Com este método de chegar até aos informadores privilegiados, obter um contacto principal na escola escolhida era essencial. Esse informador tornava-se elemento de ligação a outros informadores privilegiados, criando assim uma

rede de contactos. Esta abordagem foi a que melhor resultou nas duas escolas escolhidas.

Depois da apresentação ao entrevistado, o assunto principal da entrevista era explicado em poucas palavras, de forma pouco profunda, permitindo fornecer informação suficiente para que pudesse saber de que se tratava a entrevista, sem que lhe desse um assunto específico para poder investigar em casa. Permitia também funcionar como um desencadeador de reflexão.

A realização de entrevistas deste género numa escola implica algumas variáveis difíceis de controlar. Um dos desafios encontrados foi a escassa disponibilidade de recursos, como salas onde a entrevista pudesse decorrer sem interrupções e sem distúrbios sonoros. Por esse motivo, e dado que as questões colocadas exigiam momentos de reflexão, era importante eliminar o mais possível tudo o que funcionasse como elemento de distração (como por exemplo, procurar uma sala longe da área de recreio).

Ao escolher este método de selecção dos informadores privilegiados estamos cientes de que o estudo não permite a generalização posterior dos dados, conforme afirma Sampieri *"os estudos qualitativos não pretendem generalizar de maneira intrínseca os resultados para populações mais amplas, nem necessariamente obter amostras representativas"* (2006:11). Assim, o presente estudo tem como principal preocupação a reunião de informação para a progressão do tema e procura utilizar estratégias que dêem voz aos informadores privilegiados.

3.3. – Técnicas de recolha e tratamento de dados

Como referido anteriormente a técnica de recolha de dados escolhida foi a entrevista semi-directiva, seguida da análise de conteúdo como forma de tratamento da informação. O guião da entrevista (anexo 1) foi elaborado a partir dos objectivos da presente investigação e articulado para que a entrevista decorresse de forma natural, quase em jeito de conversa.

3.3.1. – A entrevista semi-directiva

Uma entrevista estruturada consiste num conjunto específico de procedimentos que são seguidos pelo entrevistador, tornando a entrevista algo de muito preciso e rígido. Por sua vez, uma entrevista semi-directiva proporciona uma maior flexibilidade e interacção entre o entrevistador e o entrevistado (Bodgan e Biklen, 1994:135). Apesar de não ser tão estruturada como a entrevista referida primeiramente, exige a existência de um guião onde se elaboram objectivos definidos e as questões que se pretendem fazer com determinada ordenação de ideias (para que o entrevistado não sinta que lhe estão a fazer apenas um acumulado de questões).

A entrevista é extremamente importante porque se torna um meio de observação indirecta, uma vez que o investigador recolhe os dados que necessita para a sua investigação por intermédio de outro indivíduo (o entrevistado) e não directamente no terreno. Assim, a entrevista é baseada numa interacção essencialmente verbal entre o entrevistador e o entrevistado estabelecendo uma relação de empatia e cooperação, mostrando ao indivíduo que o sabe ouvir e o compreende. Estes aspectos relacionais entre os dois intervenientes condicionam o resultado da entrevista, pelo que se torna necessário que haja um contacto prévio para o estabelecimento de alguma empatia. Essa é também uma excelente oportunidade para transmitir, ainda que de forma muito resumida, as principais finalidades da investigação e a garantia de confidencialidade das informações prestadas.

Consoante o tipo de questões que se colocam na entrevista é possível obter diferentes tipos de resposta. Segundo Sampieri (2006:381) nas entrevistas semi-directivas é comum utilizarem-se: questão de tipo geral quando o investigador parte de colocações globais para se chegar ao assunto do seu interesse; questões para exemplificar que servem como um estímulo para uma exploração mais aprofundada, onde é solicitado ao entrevistado que exemplifique algo; questões de estrutura onde o investigador solicita ao indivíduo uma lista de itens em forma de conjunto ou categorias; e por fim as questões de contraste onde o

entrevistado é questionado sobre as semelhanças e diferenças em relação a certos tópicos.

Quanto ao local de realização da entrevista, este deverá ser agradável, cómodo e com clareza. O desconforto do entrevistado pode condicionar o tipo de respostas dadas ou a abertura ao tema, pelo que se deverão tentar eliminar todas as variáveis que condicionem a postura dos dois intervenientes.

Na entrevista semi-directiva o entrevistador expõe as perguntas ao entrevistado de modo a que este possa reflectir sobre elas durante o tempo que for necessário. Quando o entrevistado responde a determinada pergunta, o entrevistador explora o pensamento, sem o interromper, colocando questões que possam ajudar a compreender melhor o tema e até criando momentos de reflexão (Bodgan e Biklen, 1994:137).

No final da entrevista, o entrevistador deve agradecer o tempo dispensado, as informações prestadas, mostrando ao entrevistado que a sua colaboração será muito útil na investigação.

Tendo em mente estas indicações deu-se início ao processo das entrevistas. Com base na pesquisa teórica e nos objectivos do trabalho elaborou-se um guião de entrevista que tinha como objectivos: identificar os desafios que se colocam ao professor na sua prática diária; identificar os dilemas que se colocam ao professor na sua prática diária; identificar quais os valores que os professores entrevistados promovem na sua prática; conhecer o modo como o professor resolve os dilemas e desafios que se lhe colocam; identificar características que deverão estar presentes num possível código deontológico.

Dadas as questões a colocar, tivemos sempre o cuidado de escolher um local apropriado para a realização da entrevista (por vezes conseguíamos a sala dos directores de turma ou o Director da escola concedia-nos a sua sala) para que pudéssemos criar espaços de reflexão e de alguma descontração. Esses espaços tornaram-se extremamente importantes porque viemos a constatar mais tarde que algumas das questões que colocávamos aos professores nunca tinham sido alvo de reflexão e havia uma percepção clara de que no momento em que proferíamos as perguntas é que o entrevistado procurava encontrar uma resposta.

Ainda que o número de questões fosse reduzido, o tempo médio das entrevistas foi de 30 minutos, havendo entrevistas que se prolongaram até perto de 50 minutos. Estas últimas tinham uma duração longa principalmente porque havia mais momentos de reflexão em que os professores não davam respostas muito concretas e o investigador ia explorando o pensamento até obter uma resposta o mais completa possível.

3.3.2. – A análise de conteúdo

Segundo Albano Estrela (1994), a expressão “análise de conteúdo” tem sido utilizada num sentido restrito, referindo-se apenas às técnicas usualmente utilizadas para a exploração de documentos, excluindo, contudo, uma análise no sentido linguístico. O mesmo autor refere que as etapas de análise correspondem a determinadas regras: a leitura inicial dos documentos para uma apreensão global das suas características e avaliação das possibilidades de análise; a determinação dos objectivos da análise de acordo com as hipóteses emitidas; e finalmente, a determinação de regras de codificação que nos leva a ver a redacção como unidade de enumeração ou de contagem.

No entanto, Laurence Bardin (2008:33) afirma que a análise de conteúdo não se trata de um instrumento em si, mas antes de “um leque de apetrechos” que devem ser utilizados pelo investigador para chegar ao tipo de análise que precisa de ter. Por esse motivo a autora denomina a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações”.

Bardin refere que na análise de conteúdo, a essência e a riqueza está nos dados qualitativos e não tanto nos dados quantitativos e, citando Serge Moscovici “tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo” (2008:34). Não se torna essencial a descrição exacta dos conteúdos das mensagens, mas antes as ideias que elas nos podem transmitir. A mesma autora relembra que é de extrema importância o registo dos contextos em que ocorrem as relações. Só assim se consegue compreender o significado, as causas e os efeitos das mensagens, podendo assim realizar-se inferências mais ricas.

Para Laurence Bardin (2008: 121 – 127), a análise de conteúdo divide-se em 3 fases de estudo principais: a pré-análise; a exploração; e as inferências. A primeira constitui a fase da organização da informação através do levantamento de hipóteses de trabalho ou definição de objectivos (dependendo do carácter do estudo). Como esta primeira fase pode surgir em outra altura da investigação não se afigura como sendo obrigatória. É ainda nesta fase que se escolhe o material que vai ser objecto de análise. Segue-se então a fase da exploração dos dados, em que o investigador toma decisões quanto à codificação e à categorização em função das regras elaboradas. Por fim, temos a fase das inferências do estudo, que podem assumir duas formas essenciais: as inferências específicas (que se referem aos casos estudados) e as inferências gerais (que correspondem às generalizações e à formulação de leis. No presente estudo, as inferências que faremos serão apenas de cariz específico, sendo que a investigação não cumpre os parâmetros necessários para se proceder à elaboração de generalizações.

Priscilla Ulin (2005:145-162) aprofunda a questão da análise de conteúdo referindo algumas das fases principais. Um primeiro passo na análise é a realização de várias leituras dos mesmos dados, tentando estabelecer uma relação inicial com toda a informação recolhida, para que o investigador se sinta familiarizado com todas as notas recolhidas, observações registadas e testemunhos prestados. A primeira leitura é feita com o intuito de procurar conteúdo nos discursos, perguntando-nos se as respostas dos entrevistados respondem realmente às questões colocadas. Durante essa primeira análise é frequente fazer uma verificação da credibilidade dos dados, fazendo um auto-exame, reflectindo se as perguntas foram colocadas de forma neutra ou o entrevistador influenciou no sentido de valorizar mais umas respostas do que outras. Procuram-se também alguns padrões nas respostas para que se possa posteriormente relacionar temas ou encontrar respostas contraditórias.

Relativamente à codificação, Ulin (2005:145-162) refere que não existe uma forma pré-definida, e que muitas vezes os investigadores preferem codificar consoante os objectivos da investigação, dando ênfase àquilo que responde efectivamente aos principais objectivos do estudo. É igualmente importante a

necessidade da redução dos dados em observações cada vez mais gerais. Esse exercício permite ao investigador vislumbrar os grandes resultados da sua investigação em vez de se perder no meio dos dados. Este processo de "destilar a informação" ajuda o investigador a separar a informação que é importante daquela que não é importante.

Esta codificação dos dados que poderá ser feita em Unidades de Registo, é posteriormente organizada em categorias, onde se inserem os temas que rodearam a entrevista e que, geralmente, seguem o mesmo padrão da entrevista. As subcategorias especificam e diluem os temas explicitados nas categorias e tornam a leitura da análise mais simples. Por fim, os indicadores, juntamente com as unidades de registo dão a conhecer as ideias apresentadas pelo entrevistado, a um nível de pormenor maior, permitindo ao leitor conhecer o que foi tratado na entrevista sem ter que ler tudo na íntegra.

Este primeiro tratamento constitui uma forma de organização dos dados e uma preparação prévia para outras análises e comparações mais ricas. A fragmentação do texto em unidades de registo permite ao investigador atribuir-lhe códigos e operacionalizar os conceitos e pré-concepções dos entrevistados.

Uma das questões colocadas por Bardin na construção das categorias de análise é a da "exclusão mútua" (2008:147). Isso significa que cada unidade de registo não pode comparecer em mais do que uma categoria. Essa regra ajuda o investigador a ser rigoroso, desencadeando um processo de compreensão do discurso para melhor categorização. Guiámo-nos também pelo princípio da "pertinência", em que o sistema de categorias responde às principais preocupações do estudo e está apropriado ao quadro teórico definido.

O estilo de categorização utilizado foi aquele que Laurence Bardin considera a "categorização por acervo" (2008:147), o que significa que ao invés de termos "caixas categoriais" onde inseríamos as unidades de registo, fomos criando um sistema resultante da classificação progressiva dos elementos. Essa abordagem permitiu-nos essencialmente um maior grau de liberdade na análise, dando voz aos informadores privilegiados. No entanto, o facto de seguirmos o princípio da pertinência levou-nos a uma estrutura de análise das entrevistas

bastante similar, tendo em conta que as questões eram iguais para todos os professores entrevistados.

Para além de uma análise de conteúdo que tem como principal intenção a de revelar as concepções dos informadores de uma forma geral, realizaremos também uma análise a nível semântico, sublinhando a um nível mais particular as expressões ou palavras utilizadas pelos professores quando se referem ao código deontológico.

3.4. – Caracterização dos informadores privilegiados

Para o presente estudo foram entrevistados 20 professores, com os quais entrámos em contacto através de duas escolas principais. Estas escolas acolhem alunos desde o 5.º até ao 9.º ano do ensino básico. Para efeitos de confidencialidade atribuímos o nome de *Escola Básica 1* e a *Escola Básica 2*. Ambas as escolas são agrupamentos escolares e ainda que tenham um número de alunos muito diferente, e se encontrem em áreas diferentes, são escolas com uma situação circundante bastante similar.

Ambas as escolas escolhidas, embora estejam inseridas numa zona agrícola, devido à proximidade do centro da cidade e da indústria, têm alunos de todas as classes sociais e situações familiares. A Escola Básica 1 tem cerca de 648 alunos, 83 professores e a sua diversidade étnica ao nível dos alunos é notória. De momento a presença de alunos de etnia cigana é significativa, bem como de alunos provenientes da Europa de Leste e de países muçulmanos. A Escola Básica 2 tem cerca de 400 alunos e 59 professores. Nesta escola não se verifica tanta diversidade étnica como na primeira, mas alguns dos seus alunos enfrentam graves problemas a nível familiar e económico, o que acaba por prejudicar o seu percurso escolar.

Estabelecida a ligação com a escola, e através do método já mencionado de contacto com os informadores privilegiados, obtivemos um grupo de

professores com formações bastante diversificadas e com diferentes anos de serviço (cf. tabela 1).

<i>Professor</i>	<i>Anos de serviço</i>	<i>Grupo Curricular</i>	<i>Gênero</i>
Professor 1	15	Ensino Especial	Feminino
Professor 2	17	Educação Física	Masculino
Professor 3	25	Órgão de Gestão e Educação para a Cidadania	Feminino
Professor 4	10	História	Feminino
Professor 5	20	Português, Latim e Grego	Feminino
Professor 6	9	Educação Moral e Religiosa Católica	Feminino
Professor 7	22	Matemática	Feminino
Professor 8	13	Matemática	Feminino
Professor 9	19	História	Feminino
Professor 10	26	Educação Moral e Religiosa Católica	Feminino
Professor 11	9	Matemática	Feminino
Professor 12	3	Português, Latim e Grego	Feminino
Professor 13	5	Físico-Química	Feminino
Professor 14	20	Português, Latim e Grego	Feminino
Professor 15	15	Educação Moral e Religiosa Católica	Feminino
Professor 16	24	História	Masculino
Professor 17	7	Português, Latim e Grego	Feminino
Professor 18	21	Educação Moral e Religiosa Católica	Feminino
Professor 19	26	Biologia	Feminino
Professor 20	22	Educação Musical	Feminino

Tabela 1 – Identificação dos entrevistados

Sintetizando então a Tabela 1, temos um professor de Ensino Especial, um de Educação Física, três professores de História, quatro de Português Latim e Grego, quatro de Educação Moral e Religiosa Católica, três de Matemática, um de Físico-Química, um de Biologia, um de Educação Musical e por fim, um professor dedicado à área de gestão da escola (com horário incompleto).

Em relação aos anos de serviço dos nossos informadores, temos a seguinte situação: dois professores que têm até 5 anos de serviço, quatro professores entre os 5 e os 10 anos de serviço, três professores entre os 10 e os 15 anos de serviço, quatro professores entre os 15 e os 20 anos de serviço e 7 professores com 20 ou mais anos de serviço.

A diversidade de áreas e de anos de serviço permitir-nos-á numa fase posterior de análise dos dados obter dados mais ricos. Sendo que a principal intenção do nosso estudo não é a generalização, mas antes a recolha de informação e de concepções dos professores sobre o código deontológico, a diversidade do nosso grupo ajudar-nos-á a atingir os nossos objectivos.

Capítulo IV. Análise e Discussão dos Resultados

O estudo que será apresentado é resultante da análise de conteúdo de cada uma das entrevistas realizadas. Será essencialmente uma visão geral das entrevistas tendo como intuito principal a resposta aos objectivos inicialmente propostos. No entanto, as entrevistas encerram em si muita informação relevante à qual não conseguimos dar a notoriedade que desejávamos devido às limitações inerentes a uma dissertação de mestrado. No entanto, em anexo encontram-se todas as análises de conteúdo para consulta.

4.1. - Ser professor, hoje

Quando entrevistados sobre as diferenças entre ser professor hoje, comparativamente com os seus primeiros anos de serviço, 19 dos 20 professores entrevistados referiram que a escola de hoje é muito diferente comparativamente com a experiência dos primeiros anos de serviço, incluindo o professor mais jovem com apenas 3 anos de serviço.

Entre as principais razões apontadas para essa diferença encontramos, em primeiro lugar, o facto de os alunos exigirem muito mais do professor, em termos de concentração e de estratégias para cativar os alunos, mencionado por 9 professores nas entrevistas, como é o caso do Professor 14 - *“há uns anos os alunos conseguiam estar silenciosamente a resolver exercícios, a fazer uma ficha ou a pensar sobre qualquer proposta de trabalho que lhes fosse feita...agora é muito mais difícil porque eles distraem-se com uma facilidade admirável...”* (UrB13 e UrB14), corroborado pelo Professor 7 - *“há 22 anos quando eu comecei a dar aulas não precisava de ter um computador na sala de aula.(...) [agora] temos que ir para a escola virtual, temos que ligar o computador sistematicamente... portanto as coisas são completamente diferentes. Se houvesse uma aula agora como era antigamente, não dava, os alunos não se interessavam”* (UrB9, UrB11, UrB12).

Surge em segundo lugar, a questão da burocracia exacerbada, indicada por 8 professores, referindo-se ao processo burocrático como sendo lento e ineficaz, constituindo uma carga de trabalho adicional sem resultados imediatos. Esta questão toma uma forma ainda mais complexa quando os professores se

referem à punição dos alunos por mau comportamento, como refere o Professor 15 - *“Se lhe disser que fiz uma participação escrita e até ao momento ainda não sei resultado de coisa nenhuma... porque isto não leva a lado nenhum”* (UrD27). Tendo em conta que em alguns casos, entre o reportar do processo e a punição efectiva do aluno, decorrem cerca de dois meses, muitos dos professores confessam fechar os olhos a maus comportamentos por saberem que o aluno receberá uma punição desajustada, tardia e sem eficácia, como afirma o Professor 8 *“eu ouvi baixinho uma situação entre os dois [alunos] e eu fingi que não ouvi porque achei que não valia a pena estar ali a criar uma situação porque o miúdo depois reage de forma explosiva, o outro também e aquilo ia dar ali um grande problema. Quando ouço e é ali à minha frente, pronto tenho que agir...”* (UrD11, UrD12). Reconhecem também que essa situação não erradica o mau comportamento mas que a queixa que possam apresentar também não terá efeito algum.

Encontramos também ao nível da posição do professor na escola, a questão da desmotivação associada à perda de progressão na carreira estabelecida pela alteração realizada ao Estatuto da Carreira Docente em 2010. A questão da avaliação dos professores associada às alterações no Estatuto da Carreira Docente trouxeram um mau ambiente entre os colegas, que para conquistar um lugar no escalão de Professor Titular se revelam mesquinhos e de pouca confiança, como refere o Professor 15 - *“E eu sempre dinamizei muitas actividades na escola (...) E continuei a fazer aquilo que fazia até então e o ano passado notei – e até me custa dizer isto – mas havia colegas que tentavam destruir actividades que outros já faziam há muito tempo. (...) É um desafio muito grande tentar ser honesto no meio desta selva, manter a integridade está a ser complicado.(...) houve gente que ao fim de 5 anos se revelou, e que eu nunca imaginei (...) por exemplo, a persuadir alunos a desistir de uma actividade, [para] boicotar a actividade...”* (UrD5, UrD6, UrD9, UrD11 e UrD15). Cerca de 7 professores mencionaram a acumulação de funções e o facto de passarem muito tempo na escola como uma das principais razões para o desgaste físico e emocional dos professores.

Ser professor hoje é também diferente porque a própria sociedade está diferente. A dedicação que é exigida aos Encarregados de Educação no posto de trabalho faz com que as famílias tenham cada vez menos tempo para acompanhar as crianças e alimentem cada vez mais esperanças de que a escola colmate essa falha familiar para com as crianças. Dos 20 professores entrevistados, 6 referem explicitamente que os Encarregados de Educação não têm tempo nem resistência emocional para educar as crianças, nem para lhes transmitir valores ou inculcar disciplina, como elucida o Professor 10 - *“os pais não gostam menos dos filhos agora, do que gostavam antigamente... não têm resistência psicológica já, para os educar”* (UrC63). Ainda 4 professores acrescentam que devido a todas as actividades que os alunos têm na escola e fora dela, acabam por não ter tempo para brincar nem expressarem-se, o que faz com que haja uma acumulação de stress e um aumento do mau comportamento dos alunos na sala de aula.

A questão do acesso à tecnologia é também mencionada por 5 professores como adicionando um grande desafio à profissão docente. O facto de os alunos terem cada vez mais acesso à tecnologia e à informação faz com que os docentes tenham que se esforçar cada vez mais para captar a atenção do aluno, mantê-lo interessado e positivamente activo.

4.2. - Desafios éticos, dilemas e estratégias de resolução

Quando questionados sobre os dilemas que enfrentam enquanto professores, os entrevistados referem vários e relacionados com diversos intervenientes. Os dilemas enquadram-se principalmente na relação com a própria profissão docente, com os Encarregados de Educação, com os colegas e com os alunos.

No que diz respeito aos dilemas com a própria profissão, encontramos os professores a questionarem-se principalmente em relação à avaliação e ao seu papel enquanto avaliadores. Uma das preocupações dos 4 profissionais que mencionaram este dilema relaciona-se com o facto de agradarem à Direcção, não

reprovando alunos, mas mantendo os parâmetros de exigência elevados. Questionam-se também sobre a justiça da sua avaliação num ambiente tão desonesto como é aquele em que vivem de momento, como refere o Professor 19 “ (...) *chegamos à avaliação e queremos ser sérios e deparamo-nos com pressões extremas, e então estamos a dar notas e não a atribuir. Os alunos estão a passar, estamos a ser pressionados para passar e a dar-mo-nos conta que eles de saber não têm nada...* ” (UrC18, UrC19, UrC20). A pressão da avaliação revela-se também a outros níveis, em que os professores são forçados a atribuir notas a alunos que não comparecem nas aulas, como refere o Professor 15 - “ *Eu no 2.º período não conhecia um aluno...nunca o tinha visto (...) Mas como é que eu vou passar um aluno que eu nunca vi? Isso é que é impressionante! (...) O aluno vinha a uma ou outra disciplina aleatória...e depois pronto queriam mantê-lo na escola...não sei de que forma...*” (UrE32, UrE33, UrE36).

É neste ambiente de dilema que os professores se questionam sobre “Quais são afinal as verdadeiras metas do ensino? Dar boas notas e cumprir o programa ou garantir a aprendizagem dos alunos e a qualidade do ensino?”.

Um outro dilema que surge ligado à profissão está relacionado com a progressão na carreira. Um dos professores entrevistados referiu que verifica cada vez menos vontade nos colegas de fazerem formação especializada principalmente devido à alteração dos Estatutos da Carreira Docente.

Em relação aos dilemas com os Encarregados de Educação, encontramos duas situações referidas por 4 professores diferentes que estão principalmente ligadas à transmissão de valores e à postura dos pais em relação à escola. O primeiro dilema é colocado pelo Professor 5 que se questiona sobre o limite entre aquilo que os professores devem ensinar e aquilo que a família deve transmitir - “*Nós deixámos de ser os ensinadores apenas e passámos a ser os grandes educadores (...) É-nos exigido isso pela sociedade, mas ao mesmo tempo, se ultrapassamos os limites, também somos mal vistos (...). Se eu chegar ao pé de um aluno e fizer exactamente a mesma coisa que faço com os meus filhos, provavelmente os pais não vão apreciar. Eu também não apreciaria se eles fizessem isso. É complicado de gerir...*” (UrC11, UrC13, UrC15). O segundo

dilema está relacionado com a postura dos pais em relação à educação dos filhos e à autoridade que têm. Estes três professores afirmaram que os Encarregados de Educação não fazem os filhos cumprir as regras, desautorizam os professores e a longo prazo sentem-se desorientados porque não conseguem que as crianças obedeçam a regras.

Nos dilemas com os alunos encontramos igualmente situações relacionadas com a transmissão de valores em que o professor se questiona se deverá continuar a promover determinados valores, constatando que ainda que os alunos saibam quais os comportamentos que deveriam ter, decidem não viver nesses valores e ceder à pressão feita pela sociedade para manterem um mau comportamento. Um outro dilema referido neste âmbito reflecte sobre o equilíbrio entre a promoção da autoridade do professor e a promoção da igualdade, sendo que em termos de hierarquia não existe essa igualdade efectiva e os alunos facilmente começam a ter uma postura desadequada sentindo-se com tanta autoridade como o próprio professor. Por último, o Professor 9 coloca a questão de “como abordar uma aluna da minha Direcção de Turma quando eu soube pelo jornal que havia sido violada?”; “como tratar assuntos na aula como a violência doméstica sabendo que um aluno foi vítima?”. A Professora 7 coloca a mesma dificuldade apresentando um caso de uma Direcção de Turma que teve há alguns anos em que uma aluna sua se suicidou porque os pais eram extremamente agressivos fisicamente com ela e a professora apercebendo-se de que algo não estava bem tentava entrar em contacto com os pais, nunca obtendo resposta. A existência de uma ligação afectiva entre os professores e alunos faz com que haja uma necessidade grande da parte do professor de abordar o aluno para tentar ajudar, mas por outro lado, a delicadeza do assunto torna difícil o estabelecimento de barreiras entre o que é aceitável e desejável na interacção pedagógica

Por último, nos dilemas com os colegas, encontramos quatro situações principais. A situação mais referida pelos docentes está relacionada com o impacto da avaliação dos professores na relação entre docentes, sobretudo porque as pessoas perderam a confiança nos colegas e isso fez com que deixassem de partilhar as dúvidas que tinham, com receio de que haja

apresentação de queixa na Direcção. Um outro dilema está relacionado com a apresentação de uma participação por mau comportamento dos alunos na Direcção da escola. A Professora 17 afirma que *“E ver que [eu] fazia participações e era a má da fita porque depois eu é que não tinha mão na turma – que é a ideia que passa – o mesmo acontece e coisas mais graves [com outras turmas e outros professores] ... mas eu por as delatar é que não consegui manter a autoridade”*, ainda que acreditasse que deveria apresentar uma queixa na Direcção para punir o aluno, a reacção de condenação dos outros professores faziam-na esmorecer a vontade de fazer o que, para si, estava certo, como corrobora o Professor 8 *“[eu] queixava-me (...) depois comecei-me a aperceber que era a única que falava e que me queixava (...), depois em conversa com os alunos (...) fiquei a saber que nas outras disciplinas passava-se exactamente a mesma coisa, mas os professores se calhar já tinham aprendido a calar e o que não se fala, não se sabe e pronto, na sala de professores é tudo “aquí não há problemas de comportamento, os mais novos é que não têm experiência e não os sabem agarrar”*. O terceiro dilema foi colocado por todos os professores que já foram Directores de Turma e está relacionado com o facto de terem que chamar a atenção para um comportamento impróprio de um colega, sobretudo se for um colega com mais anos de experiência, sem criar uma situação de desconforto entre todos. Por fim, o quarto dilema tem que ver com o facto de o docente se aperceber de que a Direcção da escola está a ter uma atitude imprópria para com um aluno, prestando falsas informações à Comissão de Protecção de Menores para conseguir expulsar da escola um aluno que geralmente possui grandes dificuldades económicas, familiares e comportamentais.

Após apurar quais os principais dilemas enfrentados pelos professores, importa compreender que estratégias utilizam para resolver esses mesmos dilemas. Assim, 9 dos 20 professores entrevistados referiram recorrer à ajuda de colegas para a interpretação dos problemas. Quatro professores afirmaram resolver os seus dilemas com reflexão solitária e dois afirmaram que o facto de resolver o problema sozinho lhes dá mais autoridade na relação com os alunos. Dois dos docentes entrevistados afirmam colocar o problema à Direcção ou

instâncias superiores sempre que não conseguissem resolver o dilema. Três dos professores inquiridos afirmam nunca ter tido dilemas.

Uma outra estratégia bastante utilizada é o diálogo com o psicólogo da escola, tendo sido referida por oito professores. No entanto, a procura de ajuda especializada vai mais longe porque quando pretendem conhecer melhor a situação de um aluno com necessidades educativas especiais e a maneira de lidar com ele, recorrem às colegas de Ensino Especial. No caso específico do professor de Educação Física, solicita a ajuda de um médico para compreender as limitações físicas dos seus alunos, sobretudo em casos especiais.

No entanto, cerca de 70% dos professores refere não ficar totalmente satisfeito com a resolução dos problemas. As principais justificações são: o facto de os alunos saírem da escola e não serem mais acompanhados pelos mesmos professores; a questão de os problemas serem tão complexos que não se conseguem resolver num ano; se a tomada de decisão for solitária faz com que fiquem na dúvida se tomaram a melhor opção.

4.3. - Promoção de valores na sala de aula

No que diz respeito aos valores promovidos na sala de aula, verifica-se que existem dois tipos principais de valores referidos pelos professores: os valores ético-morais e os valores práticos relacionados com a valorização do trabalho e do estudo.

Na tabela 2 estão representados os quinze valores mais referidos pelos professores. No que diz respeito a valores morais, encontra-se com 30 referências o valor do “respeito pelo outro”, sendo que todos os professores entrevistados afirmam promover este valor. A categoria de “respeito por si próprio” surge com 15 referências, encaixando em si o “respeito pelas próprias suas ideias” e “respeito pelo seu próprio corpo”, seguido do “respeito pelas diferenças com 9 referências. O valor da ajuda é referido pelos professores como sendo praticado diariamente em oportunidades de trabalho de grupo e surge com 15 referências, seguido da boa educação (com 12 referências) e a partilha (com 11

referências). O “saber ser” e o “saber estar” encerram em si grande parte dos valores já referidos. Estes valores relacionados com a convivência tornam o ambiente escolar mais agradável sobretudo se forem aplicados nas vidas dos alunos.

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequências
O professor enquanto ser ético e moral	Valores promovidos na sala de aula	Respeito pelo outro	30
		Tolerância	18
		Democracia	16
		Respeito por si próprio	15
		O valor do trabalho e do estudo	15
		Entreajuda	15
		Boa educação	12
		Partilha	11
		Cidadania	11
		Amizade	11
		Solidariedade	10
		Respeito pelas diferenças	10
		Saber estar	9
		Saber ser	2
Liberdade	2		

Tabela 2 - Total de referências a valores promovidos na sala de aula.

De seguida, com 18 referências temos a tolerância que é promovida pelos professores das diferentes áreas com orientações distintas. No caso dos professores de Educação Moral e Religiosa Católica, a vertente da tolerância promovida é a da tolerância religiosa. No caso dos restantes professores, a tolerância étnica foi a mais referida.

No foro dos valores éticos encontramos a democracia que surge com 16 referências e também como um valor difícil de promover sobretudo por ser um valor que pode ser vivido na sala de aula, mas sobre o qual os professores necessitam de ter algum controlo e muito acompanhamento. A forma mais referida de promoção da democracia é através votações na sala de aula para decisões conjuntas. Os restantes valores éticos como a cidadania, a solidariedade e a

liberdade surgem com frequências relativamente baixas demonstrando a baixa relevância dada pelos professores a estas questões.

Como valor prático temos o valor do trabalho e do estudo que surge com 15 referências nas entrevistas, e que os professores afirmam ter muita necessidade de reforçar, já que os alunos desacreditam o sistema e o facto de virem a colher frutos do esforço que fazem.

Ao olharmos para a Lei de Bases do Sistema Educativo, encontramos no artigo 2.º, ponto 4, a referência de que o Ensino deverá contribuir para o desenvolvimento da personalidade, promovendo valores como a liberdade, responsabilidade, autonomia e solidariedade. A Lei de Bases refere também no artigo 3.º, alínea b) que “[a educação deverá] contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico”. Através da análise realizada aos dados é possível inferir que os professores têm na sua prática diária as mesmas preocupações preconizadas pela Lei de Bases do Sistema Educativo, procurando preparar o melhor possível os seus alunos para a convivência em sociedade e a entrada no mundo do trabalho.

4.4. - Código deontológico para a docência

Em relação às perspectivas para o código deontológico, e versando principalmente na relevância e/ou necessidade do mesmo, 90% dos professores entrevistados referem que criar um código deontológico para os professores será uma tarefa muito difícil, mas útil. Os restantes 10% referem que não é necessário criar um código porque já existem documentos que regulam de alguma forma a docência: Estatuto da Carreira Docente, a Lei de Bases do Sistema Educativo e os regulamentos da escola;

Quando inquiridos sobre quem poderia construir o referido documento, 16 dos

20 professores responderam que os profissionais privilegiados na construção deste documento deverão ser os professores, em especial os que se encontram ligados à prática. No entanto, referem que é importante que estejam presentes também intervenientes, representantes da comunidade educativa como os pais, psicólogos e os próprios alunos. Ainda que dois professores tenham sugerido que deveriam ser os representantes dos sindicatos a fazê-lo, quatro professores referem que as pessoas que estejam ligadas à construção do código deontológico não deverão ter ligações sindicais nem deverão pertencer ao Ministério, sobretudo devido às ligações políticas.

4.4.1 - Características de um código deontológico para a docência

A sugestão de características desejáveis ou indesejáveis pode ajudar na definição de um futuro código deontológico. Dessa forma é possível começar a delinear quais são as principais preocupações dos professores em relação a este documento e de que forma as poderão contornar.

Conforme se pode verificar na tabela 3, quanto às características que um código deontológico deveria possuir, 5 professores referem que deveria ser um documento aberto e em constante actualização; 3 professores referiram que deveria ser objectivo, explicitando o que é permitido e o que não é permitido fazer, a fim de deixar claro quais os deveres dos professores e estabelecer alguns limites.

O código deverá ter em conta as dificuldades reais que as escolas passam, evitando criar um código que seja aplicável apenas às escolas-modelo e deverá deixar alguma autonomia na acção do professor, caso contrário será apenas mais um documento de regulação.

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequências
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	Deve ser um documento aberto e em constante revisão	5
		Não pode ser sancionatório	4
		Deve ser sancionatório	2
		Deve promover a união da classe	3
		Deve conter o que se pode e não se pode fazer	4
		Tem que ter em conta as dificuldades reais que as escolas enfrentam	3
		Deve ser geral, com operacionalização local	4
		Deve ajudar os professores à reflexão	3
		Tem que ser objectivo	3
		Deve deixar ao professor alguma autonomia	3
		Não pode ser específico demais	4

Tabela 3 – Total de referências a características para um possível código deontológico.

Deverá ter como principal intenção a de ajudar os professores à reflexão, promover a união da classe docente, as boas relações com os colegas e assegurar a privacidade do aluno (principalmente nas reuniões de professores).

No que diz respeito à abrangência do código, 3 dos 20 professores referem que deveria ser um código a nível local ou então que deveria ser dada alguma autonomia local na sua aplicação devido à diversidade dos contextos; 1 professor sugeriu que se o regulamento da escola tivesse um carácter sancionatório, seria o suficiente para regular a actividade docente. Quanto à questão da sanção, dos 4 professores que se manifestaram sobre o assunto, 2 concordam com a sanção a níveis de incumprimento grave e 4 não concordam.

4.4.2. - Vantagens e desvantagens na criação de um código deontológico para a docência

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequências
Código deontológico	Vantagens	Ajudará a tomar decisões fundamentadas	6
		Trabalhará para a união da classe docente	4
		Dará pistas de reflexão	4
		Trará uniformização aos procedimentos	3
		Ajudará os professores a ultrapassar a crise de identidade	3
		Irá punir aqueles que contribuem para a má opinião da população sobre a classe docente	3
		Melhorará a relação entre os intervenientes	2
		Seria uma forma de defesa dos professores perante a sociedade	1

Tabela 4- Total de professores a fazer referência a vantagens de um possível código deontológico para a docência

Dos 20 professores entrevistados, 6 referem que uma das vantagens do código deontológico será a ajuda a tomar decisões fundamentadas, especialmente na denúncia de má prática docente (cf. tabela 4). A necessidade de fundamentação na acção do professor assume uma forma muito especial, tendo em conta que o código funcionaria como um elemento de validade e de peso na tomada de decisão. Quatro professores referem-se ainda ao código deontológico como um documento que daria pistas de reflexão para ajudar na

tomada de decisão.

No contexto actual da sociedade é perceptível também a atribuição de um carácter unificador ao código deontológico, ambicionando que este deverá trabalhar para a união da classe docente, melhorando a relação entre os intervenientes e assim ajudá-los a ultrapassar a crise de identidade que atravessam neste momento.

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequências
Código deontológico	Desvantagens	Será muito difícil de conseguir um documento que agrade a todos	4
		Os professores encaram muito mal a mudança	3
		Cada pessoa vive os valores de forma diferente	2
		É muito complicado criar um código numa profissão em que se lida com pessoas	2
		Os professores não têm espírito colaborativo	1
		Os professores podem vir a proteger-se uns aos outros quando não devem	1

Tabela 5 - Total de professores a fazer referência a desvantagens de um possível código deontológico para a docência.

Respeitante às desvantagens de um código deontológico (cf. tabela 5), 4 professores afirmaram que seria muito difícil conseguir um documento que agrade à classe docente, por se tratar de uma classe profissional muito grande, mas também por se lidar com relações humanas. Quando confrontados com a situação dos médicos ou dos advogados, em que na sua profissão também lidam com pessoas, a resposta dada estava sempre relacionada com o facto de o professor lidar com 25 ou mais pessoas de cada vez, enquanto os médicos ou advogados

lidam com 1 a 2 pessoas.

A aversão dos professores à mudança foi também apresentada como uma dificuldade à aceitação do código deontológico. No entanto, nenhum dos 3 professores que mencionaram essa aversão falavam na 1ª pessoa do singular, mas sempre na 3ª pessoa do plural, revelando não se sentir parte integrante do grupo de professores com aversão à mudança.

O facto de cada pessoa viver os valores à sua maneira foi também apresentado como um obstáculo à criação do código deontológico.

No entanto, ao olhar para a Lei de Bases do Sistema Educativo, encontramos nos primeiros artigos a definição clara dos valores que devem ser transmitidos na instituição escolar e que não podem ser descurados. Consideremos, por exemplo, o artigo 2.º, ponto 4, *“O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”*. A inclusão de valores universais como a liberdade, a responsabilidade, autonomia e solidariedade estão consagrados não só na Lei de Bases como também na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Assumir que não é possível criar um código deontológico onde se assumam estes valores como necessários é negar toda uma evolução do Ser Humano. A intensidade de vivência dos valores será diferente de pessoa para pessoa, mas a escola não se deverá demitir da função de transmissão ou reforço destes valores para o progresso contínuo da Humanidade.

Considerações finais

Com o presente estudo concluímos que ser professor hoje é muito diferente de ter sido professor há alguns anos atrás. As mudanças que ocorreram na sociedade e que acabam por entrar pela escola criaram desafios para os quais os professores entrevistados confessam não estar preparados. As expectativas dos pais e da sociedade em relação aos professores e à escola são cada vez maiores e mais difíceis de gerir. As relações que se estabelecem na escola, seja com a Direcção ou com os colegas é também muito diferente. O actual panorama da avaliação dos professores veio gerar conflito no seio da classe docente, dificultando a colaboração entre colegas e tornando as relações com os representantes da escola muito mais difíceis.

Por esse motivo, em alguns casos, aquilo que seria um pequeno problema acaba por se tornar uma situação dilemática. Se por um lado verificamos nas entrevistas realizadas que os professores recorrem aos colegas para analisar um problema, encontramos também no seu discurso o desencanto próprio de quem perdeu a confiança nos colegas de longa data. Isto faz com que os professores estejam cada vez mais sozinhos nas suas tomadas de decisão. Muitos dos professores entrevistados afirmam recorrer ao psicólogo da escola para obterem uma ajuda especializada, mas falam também da pouca disponibilidade destes profissionais por terem um número de casos muito grande em mãos e pouco tempo livre.

No que diz respeito aos valores, verificamos que os professores se esforçam por transmitir os mesmos que a Lei de Bases do Sistema Educativo considera importantes. No entanto o tipo de valores transmitidos estão mais ligados a um carácter de socialização do que a um desenvolvimento moral. Sendo a escola o local de eleição para a preparação dos Homens de amanhã, a promoção de valores ligados à Cidadania, à Justiça e à Democracia torna-se absolutamente imperativo para que possamos criar uma sociedade cada vez mais activa, consciente e justa.

Quanto às características de um código deontológico, parece relativamente unânime que deverá ser um documento aberto, feito por professores. No entanto encontramos algumas questões importantes colocadas pelos professores entrevistados: vários professores referiram que seria muito difícil criar um código a nível nacional que tivesse em conta a diversidade do país e as dificuldades que as escolas encontram e que, por esse motivo, deveria ser elaborado a nível local ou a nível nacional mas com operacionalização local. Do nosso ponto de vista, quanto a esta primeira questão, parece-nos importante que o código seja a nível nacional, sendo que apesar de haver realidades distintas no país (de escola para escola), os princípios da educação são os mesmos. Para além disso, não se pretende que um código seja específico para resolver situações específicas. O que se espera de um código é que constitua um guia ético onde os professores se possam apoiar e não um manual de instruções. Devemos acrescentar ainda que um código a nível local afastaria ainda mais os professores, enquanto grupo profissional, o que não é desejável, já que uma das funções desejáveis do código deontológico é unir a profissão em torno de uma ética comum.

Uma outra questão colocada pelos professores está relacionada com a transformação do Regulamento Interno das escolas num documento com carácter punitivo como alternativa ao código deontológico. A transformação do Regulamento Interno das escolas num documento punitivo não terá, do nosso ponto de vista, os mesmos propósitos e vantagens de um código deontológico. Vislumbramos enquanto vantagens para este documento: a promoção da coesão dos professores enquanto grupo profissional; a garantia de uma responsabilidade profissional; a melhoria da imagem social da profissão docente; a promoção da auto-imagem dos professores; a clarificação das funções dos professores; o fornecimento de um critério de avaliação da correcção ética dos procedimentos profissionais e de ajuda na tomada de decisão, sobretudo em situações dilemáticas.

Por fim, no que diz respeito aos impedimentos da criação de um código deontológico para a docência, apenas um professor entrevistado se revelou contra o código, tendo sido o seu argumento que, em comparação com a classe

médica, tinha receio que os professores se protegessem quando não o deveriam fazer. Considerando os restantes professores, nenhum se mostrou contra a elaboração deste documento, desde que seja com a intenção de ajudar verdadeiramente a classe docente.

Lembramos que o presente estudo foi realizado em apenas duas escolas, com um número de professores reduzido, não permitindo a generalização dos dados recolhidos. No entanto, a informação recolhida poderá ser útil a outros estudos relacionados com a ética e deontologia. Seria interessante fazer uma investigação em escolas do interior do país, onde há ainda menos recursos do que as escolas participantes, onde não haja psicólogo na escola nem outros profissionais especializados. Seria igualmente interessante recolher algumas propostas de professores para o código deontológico e perceber as suas expectativas em relação a este documento. Por fim, a realização de uma investigação ligada às representações sociais dos professores acerca do código deontológico permitiria conhecer de forma mais aprofundada quais as concepções que os professores têm sobre este documento, compreendendo assim algumas das desvantagens referidas pelos professores nas entrevistas.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Maria Margarida (2000). *Ser professor em tempos pós-modernos: Contributo para o estudo dos novos papéis dos professores face à inovação pedagógica*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

BAPTISTA, Isabel (2005). *Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.

BARDIN, Laurence (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70

BODGAN, Robert e BIKLEN, Sari. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

CAETANO, Ana Paula (1992). *Dilemas de professores: um estudo exploratório*. Tese de Mestrado não publicada. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

CAETANO, Ana Paula e SILVA, Maria de Lurdes (2009). *Ética profissional e Formação de Professores*. Sísifo, Revista de Ciências da Educação n.º8 Jan/Abr., 49 – 60.

CANDEIAS, Maria Isabel (2007). Que desafios para a escola? Que desafios para o professor? In AAVV, *Profissionalismo docente em transição: as identidades dos professores em tempos de mudança*. Cadernos CIEd. Braga: Universidade do Minho, 132 – 137.

CORDEIRO ALVES, Francisco (2005). *Diário de MS9: Dilemas de uma professora principiante*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.

ESTRELA, Albano (1994). *Teoria e prática de observação de classes. Uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.

ESTRELA, Maria Teresa (2003). *Pensamento Ético-deontológico de Professores em Estudos Portugueses*. n.º 4. Brasil: Cadernos de Educação

ESTRELA, Maria Teresa, MARQUES, Joana, ALVES, Francisco, FEIO, Mariana. (2008). *Formação ético-deontológica dos professores de ensino superior – Subsídios para um debate*. Sísifo, Revista de Ciências da Educação, n.º7 Set/Dez.

ESTRELA, Maria Teresa et al (2009). *Concepções éticas dos professores do ensino universitário e não universitário – para uma prática de articulação entre formação ética dos professores e dos alunos*. II Congresso Internacional do CIDInE: Novos contextos de formação, pesquisa e mediação. Instituto Superior Politécnico Gaia.

GALVEIAS, Maria de Fátima Cid (1997). *Significações de Ordem Moral atribuídas pelos professores ao seu papel educativo no contexto de interação pedagógica*. Revista de Educação, vol VI, nº2, 43-56.

HESSEN, Johannes (1944). *Filosofia dos Valores*. Coimbra: Arménio Amado.

IMBERT, Francis (2001). *A questão da ética no campo educativo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Lei n.º 85/2009 de 27 de agosto – Lei de Bases do Sistema Educativo

MACK, Natasha et al. (2005). *Qualitative Research Methods: A data collector's field guide*. North Carolina, USA: Family Health International.

MONTEIRO, Agostinho Reis (2004). *Educação e Deontologia*. Lisboa: Escolar Editora.

MONTEIRO, Agostinho Reis (2005). *Deontologia das profissões da educação*. Coimbra: Almedina.

MONTEIRO, Agostinho Reis (2008). *Qualidade, profissionalidade e deontologia na educação*. Coleção Panorama n.º 9. Porto: Porto Editora.

MOURINHA, Luís (2002). *Representações ético-deontológicas de professores estagiários: dimensões ético-moral e deontológicas da profissão docente*. Tese de Mestrado não publicada. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

PARDAL, Luís e CORREIA, Eugénia (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.

PATRÍCIO, Manuel (1995). *Formação de professores e Educação Axiológica*. Revista de Educação vol. V, n.º1, Junho, 11-21.

PEDRO, Ana Paula (2007). (Pós) modernidade, ética e educação. *Revista Psicologia e Educação*. Vol. VI, Dezembro, n.º 2, 29 - 43.

QUIVY, Raymond et CAMPENHOUDT, Luc Van (2003). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

RENAUD, Isabel, “A noção de dever na ética contemporânea”, in: *Temas fundamentais de ética. Actas do colóquio de homenagem ao Prof. P. Roque Cabral, S.J.*, Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 2001, pp. 31

SAMPIERI, Roberto Hernández et al. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. São Paulo:Mc Graw Hill

SANTOS, José (2007). *Ética e deontologia – representações de professores*. Sintra: Associação dos professores de Sintra.

SANTOS, José Manuel (2008). *Valores e deontologia docente. Um estudo empírico*. *Revista Iberoamericana de Educación* n.º 47/2. (disponível on-line em <http://www.rieoei.org/2349.htm> em Dezembro de 2008).

SEIÇA, Aline (1998). *Ética e deontologia dos professores: Pensamento e práticas*. *Revista de Educação*, vol VII, nº2, 63-79.

SEIÇA, Aline (2003). *A docência como praxis ética e deontologia. Um estudo empírico*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.

SILVA, Maria de Lurdes (1994). *A profissão docente, ética e deontologia profissional: contributo para o estudo da deontologia dos professores do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico*. Tese de Mestrado não publicada. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

SPERBER, Dan, “Observações antropológicas sobre o relativismo moral” in: Jean-Pierre Changeux (1993). *Fundamentos Naturais da Ética*. Coleção Pensamento e Filosofia. Lisboa: Instituto Piaget

ULIN, Priscilla et al. (2005). *Qualitative methods in public health: a field guide for applied research*. San Francisco: Jossey-Bass

VEIGA, Ilma e ARAÚJO, José Carlos (2007). *Ética e profissionalização docente*. *Revista de Educação PUC-CAMPINAS*, n.º 22, p.41-55

ZABALZA, Miguel Angel (1991). *Los diarios de clase : documento para estudiar cualitativamente los dilemas prácticos de los profesores*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1991.

Anexo 1

Guião de Entrevista ao Professor

Objectivos Gerais da Entrevista:

- Identificar os desafios que se colocam ao professor na sua prática diária;
- Identificar os dilemas que se colocam ao professor na sua prática diária;
- Identificar quais os valores que os professores entrevistados promovem na sua prática;
- Conhecer o modo como o professor resolve os dilemas e desafios que se lhe colocam;
- Identificar características que deverão estar presentes num possível código deontológico.

Blocos Temáticos	Objectivos Específicos	Questões / Tópicos
A. Legitimação da Entrevista.	Legitimar a entrevista	<ol style="list-style-type: none">1. Explicar os propósitos da investigação.2. Pedir autorização para gravar a entrevista.3. Garantir a confidencialidade da entrevista.
B. Ser professor, hoje	Recolher informação sobre o que é ser professor hoje e quais os desafios axiológicos que se colocam diariamente aos professores	<ol style="list-style-type: none">4. Há quantos anos lecciona?5. Como é ser professor hoje?6. No que diz respeito aos valores, quais os desafios que se colocam hoje que não se colocavam no passado?
C. O professor enquanto ser ético	Conhecer quais os dilemas que se colocam ao professor na sua prática diária e como é que o	<ol style="list-style-type: none">7. E no que diz respeito a dilemas éticos, que dilemas se colocam hoje que não se colocavam no

	próprio os resolve	passado? 8. Como costuma responder a esses dilemas? Em que bases/fundamentos/critérios se apoia? (se se apoia nas suas próprias concepções) Como aprendeu?
	Conhecer quais os valores que o professor promove na sua prática diária	9. Quais os valores que costuma promover na sua aula? Alguma vez deixou de os promover devido a uma situação específica?
	Conhecer as estratégias utilizadas pelo professor para resolver os dilemas éticos	10. Sente que a estratégia que usa para enfrentar estes desafios é suficiente ou sente necessidade de maior apoio? Que tipo de apoio poderia ser? Indicar várias alternativas 11. Alguma vez procurou ajuda dos seus colegas/pessoas especializadas para resolver um dilema ético? (se sim) Que tipo de ajuda obteve? (se não) Porque nunca o fez?
	Identificar características que deverão estar presentes num possível código deontológico	12. Se houvesse um documento criado com o propósito de ajudar os professores quando têm que resolver um dilema ético-valorativo que características deveria ter? Que tipo de respostas poderia conter? Baseado em que critérios? 13. Quem o deveria formular? 14. Que dificuldades/vantagens específicas entrevê na sua criação e porquê? 15. Quais as que proporia e porquê?

Anexo 2

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 1

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Unidades de Registo	
Caracterização do professor		Professora de Ensino Especial	A1, A2	
		Trabalha no presente com crianças autistas, mas é o seu 1.º ano nesta área	A5, A14	
		São crianças que têm ritmos muito próprios e rotinas de trabalho muito rígidas	A4, A6, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A13	
		Quase todos os anos de serviço foram dedicados a trabalhar com crianças com Necessidades Educativas Especiais	A3, A15 – A18	
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Houve mudanças porque a sociedade também mudou	B1, B2	
		Os costumes, os hábitos e as famílias não são iguais e isso influencia na escola	B3, B4, B5	
		As expectativas da família não são as mesmas	B6	
		Ser professor hoje não é só transmitir conhecimentos mas também valores	B8 – B11, F12	
		Há uma maior definição nas regras que fazem com que um aluno seja caracterizado como Necessidades Educativas Especiais	B12 – B27	
		Há uma maior exigência com os alunos com Necessidades Educativas Especiais ao nível das competências	B28, B29, B30	
		O professor passa cada vez mais tempo na escola	F11, F13	
		São exigidas cada vez mais funções ao professor	F14 – F22	
	Desafios axiológicos que se colocam hoje em dia	A educação e os valores que os alunos trazem de casa muitas vezes não se coadunam com a escola	C1 – C5	
		As famílias já não têm tempo para educar os alunos	C6, C8, C9, C10	
		As crianças passam muito tempo fora de casa em actividades extracurriculares	C7	
		O pouco tempo que os pais têm nem dá para se aperceberem que a criança tem problemas	C11, C12	
	O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os	A amizade	D1

	alunos			
		O respeito mútuo	D2, D3	
		A justiça	E3	
		A tolerância a todos os níveis	D4 – D7	
		É importante promover a tolerância étnica	D8	
		Compreensão para com os colegas provenientes de famílias estigmatizadas	D9 – D11	
		Nunca deixou de promover um valor devido a uma situação específica	D12 – D17	
	Conduta na prática diária	Quando tem conhecimento de uma injustiça sente que é seu dever intervir, depois de ouvir as duas versões da história	E1 E2, E4 – E6	
		Aquilo que tem que se feito, faz-se sem medos	E7, E8	
		Há determinadas situações que são sensíveis e com as quais é preciso cuidado	E9 – E14	
		Nestas situações recorre a colegas com quem se identifica para ajudar a resolver a situação	E15 –E17	
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Uma aluna com deficiência mental teve relações sexuais na escola e a família não podia saber	F1 – F9	
		Depois de contar à mãe acordaram que se daria a pílula do dia seguinte	F10	
		Uma mãe que não garante a higiene da filha e na escola é que são forçados a tratar disso porque não conseguem trabalhar com a criança	G1 – G11	
		Há momentos em que se é mais ríspido com as pessoas para que elas cumpram os seus deveres, mas depois a consciência pesa	G12 – G15	
		A escola não pode substituir os pais em tudo porque é mau para todos	G16 – G20	
		Até as assistentes sociais têm dificuldades em lidar com este tipo de situações	G21 – G25	
	Código Deontológico	Características de um possível código deontológico	Deve ser um documento aberto	H1, H2, H8
			Não rígido	H3
			Não pode ser taxativo	H4
			Deve ter pistas orientadoras	H5

	Deve ser um documento de reflexão	H6, H7, H12
	Deve ser revisto frequentemente, sempre que necessário	H9, H10
	Não deve ser um documento regulador	H11
	Deve promover a união entre a classe docente	H13 – H23, H26
	Deve ser um sentir da profissão até para o reconhecimento da sociedade	H24, H25, H27, H28
	É uma questão delicada	H29, H30
	Deve indicar quais os serviços e instituições de que os professores se podem servir para resolver os problemas	H31 – H35
Comissão de elaboração do código deontológico	Uma equipa com vários técnicos de educação	I1
	Sobretudo professores com experiência no terreno	I2, I3, I5, I6, I11, I12, I13
	Pessoas ligadas à ética e deontologia	I4
	Não poderia envolver os sindicatos porque estão demasiado ligados à política	I7, I8, I9, I14
	Não podem ser professores universitários	I10
	Não podem ser do Ministério	I15, I16
Vantagens	A união da classe docente	J1, J2
	Instrumento de ajuda à reflexão	J3, J4, J5
	Todos nós precisamos de orientação, uns mais do que outros e este documento pode ajudar	K4, K10 – K17
	Permitiria denunciar situações indesejáveis com um suporte legal	K5 – K9
Desvantagens	Se não for rígido não há desvantagens	K1, K3

Anexo 3

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 2

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Professor de Educação Física	A5
		Tem 17 anos de serviço	A2
		Tem trabalhado com crianças entre o 5.º e o 6.º ano	A1, A3, A4, A6
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	É diferente porque a sociedade está diferente	B1, B2, B10
		As crianças vêm para a escola com uma expectativa diferente	B3
		As crianças têm uma aprendizagem motora diferente	B4
		Exige-se mais ao professor	B5, B29
		Exigem-se mais coisas aos professores mas que não tem a ver com a qualidade do ensino	B27
		Os próprios professores amadurecem e vêm as coisas de outra forma	B6, B8, B9
		Há uma maior desmotivação	B7
		Houve mudanças muito grandes a nível de política que pioraram as coisas	B11 – B14
		As crianças são muito mais stressadas	B15
		As crianças passam tempo demais na escola e não têm oportunidade para brincar nem descansar	B16 – B26
		A qualidade do ensino tem descido o que faz com que os bons alunos estejam a optar pelos colégios	B28, B33, B34
		O facto de não ser permitido o insucesso faz com que haja uma pressão muito grande nos professores, mas é algo perverso	B30, B31
		Já não há responsabilização nem punição na altura certa o que faz com que os alunos sintam que podem fazer o que quiserem	B32, G4, G5
		Existe muita burocracia	B35, B36, B37, B38, G1 – G3

		O Professor tem que se adaptar à diversidade nas turmas	B39, B40, B41	
		Há muitos episódios de violência entre os alunos	B42	
	Desafios axiológicos que se colocam hoje em dia	A necessidade de adaptação à diversidade nas turmas faz com que o professor tenha que procurar cada vez mais estratégias para contornar os problemas	C1 – C8	
		A autoridade do professor é muito diferente hoje porque tenta-se tratar os alunos como iguais mas facilmente eles saltam a barreira	C9 – C12	
		A mudança da monodocência para o 5.º ano faz com que os alunos estejam constatemente a experimentar os limites dos professores	C13 – C18	
		A aula de educação física despoleta nos alunos reacções de agressividade	D6, D7	
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	Prazer pela prática desportiva	D1, D2	
		Aceitar os erros do companheiro	D3	
		Aceitar as dificuldades do companheiro	D4	
		Compreender o colega	D5	
		Aceitar a derrota	D8	
		Aceitar a diferença	D9	
		Igualdade	D10	
	Conduta na prática diária	Tenta arranjar estratégias de jogo para promover os valores	D11 – D16	
		Quando a violência nas aulas é grande e as estratégias deixam de funcionar acaba por ter que se contradizer para “chocar” os alunos	D25 – D36	
		Está sempre a subverter as regras do jogo para os alunos não se habituarem	D17 – D24	
	Dilemas que se colocam na sua prática diária		É uma questão difícil	E1 – E3, e13

		Quando os alunos estão a sofrer com a separação dos pais e um dos pais tem boas intenções e o outro é que fica com a criança, o professor não pode intervir	E4, E5
		Já sofreu pressões de outros colegas para dar uma determinada classificação a um aluno por ser filho de um outro colega, mas optou por não o fazer sabendo que ia haver problemas pessoais	E10, E11
		Tenta-se tratar bem dos alunos, mas não se consegue garantir que eles em casa continuam a ser bem tratados	E17 – E20
		Há pais superprotectores que com essa atitude impedem os filhos de progredir	F4 – F18
		Resta sempre uma dúvida de se se terá tomado a atitude certa	E12, E14, E15
	Estratégias para resolver os dilemas	Quando há problemas de maus tratos e violações, encaminha para a Direcção	E6, E7, E8
		Quando há outro tipo de problemas que não consegue resolver, utiliza os canais que existem na escola	E9
		Algumas vezes a resposta dada pelas instituições é lenta e não impede que a criança continue a sofrer maus tratos	E16
		Quando precisa de compreender melhor as limitações físicas de um aluno, recorre a um médico	F1 – F3
Código Deontológico	Necessidade de um código	Desconhece se será necessário e ou vantajoso	G6, G24, G26
		O regulamento da escola é suficiente onde estão consagrados os direitos e deveres dos professores e dos alunos	F7
		Para o código vir a ajudar a eliminar determinados comportamentos dos professores é preciso que esteja tudo documentado	G8, G9, G10, G11, G12, G13
	Dificuldades na criação de um código	Os professores têm muito pouco espírito colaborativo	G14, G15, G17,
		São muito individuais	G16

	Cada um faz a sua vida e não estão habituados a trabalhar em grupo	G18, G19, G20
	São todos muito diferentes na sua maneira de ser	H2, H3
	A profissão é algo complexo	H8
	A definição da sua própria profissão bem como dos objectivos desejáveis varia de professor para professor	H9 – H20
Características de um possível código deontológico	Tinha que ser genérico e simples	G21
	Se fosse objectivo ia ser alvo de contestação	G22
	Teria que ser unificador e congregador	G23, H4
	Não pode ser imposto	G25
	Não pode ser uma contradição do que já está consagrado na lei	H6, H7
	Não pode ser sancionatório	H23, H24, H25
	Terá que ser um documento útil	H26, H27
Vantagens	Deveria ser uma referência da profissão	H1
	Poderá dar pistas	H21, H22
Desvantagens	Por prezarem a sua autonomia os professores não quererão	H5

Anexo 4

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 3

categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		É professora há 25 anos mas há 4 que não tem componente lectiva a 100%	A1, A2
		Neste momento está no órgão de gestão do agrupamento e pertence ao conselho pedagógico há 11 anos	A3, A4, A5
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Há coisas que se mantêm	C16
		É pena que os recursos que há hoje nas escolas continuem a ser os mesmos de há 40 anos	B5, B7
		Não é mais difícil estar com as crianças na sala de aula, os professores é que estão desmotivados	B1 – B4
		O 1.º ciclo continua a ser o parente pobre do ensino no que diz respeito aos recursos	B6
		Mas havia uma visão da educação muito diferente	C1, C2, C8 – C15
		As crianças vão para a escola com mais conhecimentos	C3 – C7
		O professor tem mais trabalho e mais funções porque os pais estão sobrecarregados de trabalho	C17 – C19
		A família já não tem tempo para estar com as crianças e as apoiar	C20 – C22
		Os media empolgaram o estatuto do professor, o que não permite ao professor estabilidade para desenvolver um bom trabalho	C45, C55
	Antigamente para se ser professor era preciso ter vocação, hoje em dia é apenas uma alternativa	F20 – F22	
	Desafios axiológicos que se colocam hoje em dia	O professor conseguir cativar a atenção do aluno com toda a tecnologia que existe no mundo mais que ainda não chegou à escola	B8 – B13
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	Os valores não se transmitem, vivem-se	C23, C29, C38
		É importante trabalhar os valores o mais cedo possível	C26
		É importante aproveitar as reacções no dia-a-dia para promover os valores	C29, C30, D29 – D33

	Promove a democracia através de assembleias de turma semanais	C31 – C37, D9, E26 – E32
	O valor da partilha	C42, C43
	O valor da amizade	D17 – D19
	O saber estar	D3, D4
	A cidadania	D5, D6, D7, D8
	O respeito pelo outro	D1, D2
	O colocarem-se na pele do outro	C39 – C41, D20
Necessidade de formação ética para os professores	Há necessidade de apostar na formação ética dos professores	C24, C25, C27, C28
Conduta na prática diária	É importante manter uma relação saudável com os pais, uma relação de cooperação e compreensão	C44, C56-C70, E35-E37
	Preocupa-se em observar os alunos no recreio porque é quando eles mostram quem são	D10-D16
	É necessário respeitar o ritmo de aprendizagem do aluno	D21, D22-D28
	Se há lei, o professor tem que a fazer cumprir mas não pode impor a autoridade	F23-F29, G6-G11
	É importante preparar os alunos para pensarem por si próprios	E33, E34
	É importante escutar os alunos antes de fazer juízos	E38-E42
Dilemas que se colocam na sua prática diária	Sente muita dificuldade na questão da religião	E1, E2
	É necessário mostrar às crianças que existem várias religiões incluindo a católica	E3-E10
	Numa sociedade que festeja o Natal é difícil não falar disso nas aulas	E11
	Houve uma mãe Testemunha de Jeová que pediu que não se falasse em Jesus nem no Natal ao filho, mas não fazendo estariam a discriminar	E12-E17
	O mesmo aconteceu com o aniversário, já que as Testemunhas de Jeová não festejam, mas a outros pretextos, houve festa	E18-E25
Estratégias para resolver os dilemas	A dedicação é fundamental para encontrar as estratégias certas	F1-F3
	Existem instituições dedicadas à resolução de problemas mas nem por isso as coisas estão melhores	F4-F6
	As respostas das instituições são lentas	F7-F17

		O professor envolve-se e preocupa-se com a vida do aluno, mas não é obrigado a fazê-lo	F18, F19
		Recorrer à psicóloga é importante quando se precisa de uma 2ª opinião	G1-G4
		Recorrer à assistente social para compreender a situação familiar de um aluno	G5
Código Deontológico	Necessidade de um código	Na escola já existe o regulamento interno e o projecto educativo onde se dão algumas indicações a nível de ética profissional	H1-H8 I6-I14
		Já existe bastante legislação reguladora da acção	H20
	Características de um código deontológico	Tem que se feito pelos intervenientes ou não terá valor algum	H9, H10
		Deverá ser a nível local juntamente com a gestão flexível do currículo	H14-H18, H19, H21, H22
		Tem que encarar que nem todas as escolas têm acesso a serviços como psicóloga ou assistente social	H23-H34
		Deverá estar protegido pela lei	I3
		Precisará de revisões constantes até os professores terem uma formação inicial diferente	I4, I5
	Comissão de elaboração do código deontológico	Tem que ser feito por pessoas experientes	H11, H12
		Não pode ser feito por teóricos porque será lírico	H13
	Vantagens	Se for criado por docentes para docentes só terá vantagens	I1, I2

Anexo 5

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 4

Categorias	Sub-Categorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Professor de História e Geografia de Portugal	A3, A4
		Está há 10 anos no ensino	A1, A2
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Não há grande diferença	B1, B2, B4, B7, B8, B12
		Os alunos estão mais irrequietos	B3
		Há mais burocracia	B5, B6
		Antigamente não havia tanto acesso à tecnologia	B10
		O panorama da avaliação faz com que as pessoas vejam todos os actos de bondade com uma 2ª intenção	G13-G19
		As pessoas desligam-se do factor humano	G7-G12
		Há crianças com problemas familiares muito graves e isso faz com que a escola seja algo secundário	G25-G32
		Hoje em dia as crianças são bombardeadas com informação	G33-G37
		Actualmente há facilidade com o dinheiro	G38-G40
			Desafios axiológicos que se colocam hoje em dia
Os alunos conhecem os valores universais mas não os aplicam na sua vida	C4-C10		
Acabam por dar educação aos alunos	E10-E13		
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos		
		Entreajuda	D1,D2
		Respeito pela diferença	D3-D5
		Deixa de promover a democracia quando os alunos abusam e começam a fazer pouco do colega	D6-D9, E1-E9
		Aproveita as aulas de História para explicar as etnias	D10-D14

		Promove a valorização do ensino como motor de uma sociedade	D15-D20
		O valor do trabalho	G41-G44
	Conduta na prática diária	Como os filhos são das mesmas idades dos alunos, compreende melhor os pais e é mais compreensiva com eles	E13-E17
		Tenta que os alunos tenham um papel activo nas aulas para que seja uma aprendizagem efectiva	E18-E24
		Nunca berra com os alunos, o invés fá-los pensar	G20-G24
		É preciso estar atenta aos alunos	G45, G46
		Não podemos passar por cima dos pais, ainda que pensemos que eles não estão a ser correctos	G47-G51
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Falta de honestidade no ensino quanto às verdadeiras metas	F1-F4
		Vê-se forçada a dar boas notas quando nem sempre tem a certeza de que o aluno merece	F5-F7
		Sente que o método de alguns colegas é antiquado e que eles não conseguem captar a atenção dos alunos	F9-F10
		Um superior pediu-lhe que prestasse um falso testemunho mas não cedeu e foi fiel aos seus princípios	F14-F18
	Estratégias para resolver os dilemas	Tenta puxar mais pelos alunos	F8
		Nunca precisou de ajuda porque nunca teve muitos dilemas	G1-G4
		Às vezes faz-lhe falta a ajuda de um psicólogo	G5, G6
		Procura a ajuda de um colega de ensino especial sempre que é necessário	G52-G58
		Se tivesse mais formação na área da psicologia, poderia fazer um despiste	G59-G61

Código Deontológico	Necessidade de um código	A primeira coisa que ocorre em termos de legislação é a constituição	H1-H3
		Pensa também na declaração dos direitos humanos	H4, H5
	Comissão de elaboração do código deontológico	Os professores	H15
		Os alunos	H16
		Os funcionários	H17

Anexo 6

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 5

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo	
Caracterização do professor		Está no ensino há 20 anos	A1	
		Lecciona Português	A2; A3; A4	
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	É muito diferente no que diz respeito às modificações legais	B1; B4	
		Os alunos e a relação com eles é praticamente igual	B2, B3, B14, C5 – C7, C19 – C29	
		Há uma grande desmotivação por parte dos professores	B5, B6 – B8, F9 – F18	
		A divisão entre professores e os professores titulares veio alterar a postura de algumas pessoas	B9 – B13	
		O que vai salvando da desmotivação é a relação com os alunos	B15, B16	
		Ainda há boas relações com os colegas	B17, B18	
		Hoje em dia tem mais à vontade na relação com os alunos	C1 – C4	
		Ser professor hoje é desgastante física e emocionalmente	D15 – D23	
		Os alunos são muito competitivos	D27 – D35	
		A inclusão dos alunos ainda não funciona verdadeiramente	H1 – H19	
	Desafios que se colocam hoje em dia	Dentro de poucos anos a escola será substituído da família	C8 – C12	
		Apesar de a família querer que eduquemos, se vamos mais longe, somos mal vistos	C13 – C18	
		A sociedade promove a igualdade, mas a verdade é que os alunos não são iguais	D5, E3, E5 – E10, E15 – E20	
		Não se pode promover a democracia porque há uma hierarquia e isso é importante para os alunos	D36 – D38, E1, E2, E4	
		É difícil chegar aos alunos todos, mesmo com turmas pequenas	D6 – D14	
		Os alunos são muito curiosos e acham que o professor tem que saber responder a tudo	D1 – D4, D24 – D26	
	O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	Fraternidade	E11
			Amizade	E12 – E14

	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Na relação com os colegas, as pessoas estão cada vez mais afastadas e a criar ambientes de intriga	F1 – F8
		É cansativo e desgastante trabalhar para o sucesso dos alunos e não receber reconhecimento por isso	F19 – F26
		Nas turmas de PIEF e EFA os alunos traziam objectos cortantes e perigosos para a sala e sempre reagiu com sangue frio muitas vezes sem pensar nas consequências	F44 – F46, F27 – F30, G1 – G5
	Estratégias para resolver os dilemas	Fala das coisas com frontalidade e nunca chega a haver dilemas	G6 – G11
		É a favor da auto-formação e aprendizagem informal	I1, I2
		Procura a ajuda de colegas para compreender determinadas situações	I3 – I11
Código deontológico	Características de um possível código deontológico		
		Teria que ser muito objectivo	J1, J4
		Por muito objectivo que fosse, haveria sempre subjectividade	J2, J3, J9
		Teria que se deixar bem claro quais os deveres dos professores	J5, J6, J8
		Ser o mais completo possível	J10 – J12
	Comissão de elaboração do código deontológico	Envolver não só teóricos, mas pessoas que trabalham no terreno e que vivem os problemas todos os dias	J7
	Vantagens	Traria uma sensação de conforto e apoio	K1, K2
Iria unir a classe		K3, K4	
Dificuldades	Será uma tarefa difícil	J13, J14	

Anexo 7

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 6

categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Professora de Educação Moral e Religiosa Católica	A1, A2
		já está naquela escola há 4 anos	A3
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Ser professor hoje é diferente	A4
		Quando começou tinha uma relação diferente com os alunos	A5, A8
		Hoje em dia as crianças têm cada vez menos valores e menos regras	A6, A7, A9, A18, A20
		As crianças não têm tempo para brincar e descansar	A10 – A12, A24 – A28
		Antigamente as crianças eram mais humildes	A13 – A15
		Hoje em dia as crianças têm uma atitude de altivez	A16
		Ainda há crianças humildes e com bondade mas são poucas	A17 – A19
		Os pais trabalham muitas horas e não têm tempo para estar com os filhos	A21 – A23
	Desafios que se colocam hoje em dia	As crianças sabem os valores mas não os vivem	B1 – B11
		Em muitos casos parece que as crianças só conhecem a linguagem da violência	C27, C28
		Tem que haver muita criatividade para conquistar os alunos	C29 – C35
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	O respeito pelo outro	C1
		A amizade	C27, C28
		Honestidade	C3
		humildade	C4
		paz interior	C5, C6, C7, C8
		diálogo	C9
		boa educação	C14
	tolerância religiosa	CF1 – F9	
	Conduta na prática diária	Já deixou de promover valores devido a uma situação específica	C10
		Houve um aluno provocador e a prof. Teve que o ignorar	C11 – C13
		Já teve que impedir que um encarregado de educação batesse num aluno que não era seu filho	C25, C26

		teve que ignorar alguns comportamentos de uma aluna que utilizava uma gíria muito forte	C15 – C24
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Uma colega mais velha desautorizou-a em frente aos alunos, sem razão, e teve vontade de chamar a atenção dessa professora mas não o fez porque não queria problemas	D12 – D18
		A sua opinião era muito desvalorizada nos Conselhos de Turma	D19, D20
		Teve que passar por cima de uma decisão da Direcção e apresentar queixa na CPCJ	D1 – D11
	Estratégias para resolução dos dilemas	procura falar com alguém experiente	E1
		Quando não se sente satisfeita com a resposta, pede opinião aos familiares	E2, E3
		Fala com a psicóloga	E4 – E7
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	Devia ser um documento aberto	G1
		Devia partir de uma recolha de sugestões dos professores	G2, G3
		Devia ser geral mas com operacionalização local	G8 – G10
		Deverá ter carácter punitivo em casos graves	G16 – G18
	Comissão de elaboração do código deontológico	Os professores	G6
		A comunidade	G7
	Vantagens	Trará uniformização aos procedimentos	G4, G5, G20 – G22
		Será uma linha orientadora para distinguir o papel do professor	G11
	Dificuldades	Se for um documento muito fechado condicionará muito a acção do professor	G12
		As profissões em que se lida com pessoas são muito complicadas	G13 – G15

Anexo 8

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 7

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Professora de Matemática	A1
		Dá aulas há 22 anos	A2
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Ser professor hoje é diferente	B1
		Os alunos não tinham tanta liberdade de expressão	B2, B3
		Não tinham tanto acesso à tecnologia como têm hoje	B4 – B6
		As expectativas dos alunos são muito diferentes	B17
		a forma de ensinar hoje está fortemente ligada à tecnologia	B8 – B12, B16
		O grau de exigência diminuiu	B13
		A matemática hoje é mais relacionada com o raciocínio do que com o cálculo	B14, B15
	Desafios que se colocam hoje em dia	Os desafios são os mesmos	C1 – C4
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	A solidariedade	D1, D7
		saber estar	D2
		saber partilhar	D3
		saber competir de forma saudável	D4 – D6
		respeitar o outro	D8
		há aulas em que o que mais interessa é transmitir valores	D9 – D12
	Conduta na prática diária	Quando há problemas é necessário estabelecer uma relação forte entre o encarregado de educação, o aluno, o professor e o psicólogo	E9 – E12, E20
		É necessário utilizar uma gestão flexível do currículo para os alunos que não conseguem acompanhar o ritmo dos outros alunos	E34, E35
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Uma menina do 5.º ano da sua direcção de turma suicidou-se porque os pais lhe batiam e a deixavam muito pisada	E13 – E19
		Tentou chamar os pais várias vezes e estes nunca apareceram	E21
		O pai da aluna ameaçou a professora de morte e ela teve que andar a ser escoltada pela polícia entre a escola e a sua residência	E29 – E33

	Estratégias para resolução dos dilemas	Pedir ajuda a um colega para ajudar a compreender o problema	E4, E5, E6, E7, E8
		as escolas deviam estar equipadas com psicólogos e outros profissionais para apoio a situações complexas	F4 – F9
		Nem sempre fica 100% satisfeita com a resolução dos problemas porque depois os alunos saem da escola e fica sem saber como é que eles estão	F1 – F3
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	Deverá conter aquilo que não se pode fazer	I4
	Comissão de elaboração do código deontológico	Os professores	H1 – H3
	Vantagens	Ajudará os professores que sentem insegurança	I2, I3
	Dificuldades	Não é possível existir um documento desses porque se lida com pessoas	G1 – G5, I1
		Caso haja má conduta nas escolas, deverá existir um código para isso	G6, G7

Anexo 9

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 8

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Professora de Matemática e Ciências do 2.º Ciclo	A1
		Esta no ensino há 13 anos	A2
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Ser professor hoje é diferente	B1, B2
		Exige-se um envolvimento maior do professor	B3 – B5
		Existe muita pressão para o sucesso	B6
		Há muita pressão para dar boas notas	B7
		Os professores são mais responsabilizados	B9
		As crianças não têm vontade de se esforçar	C6 – C12
		A autoridade do professor foi retirada quase na totalidade	E8
		Há muita desmotivação na escola por parte dos professores	F17 – F20
	Desafios que se colocam hoje em dia	os professores têm que ser mais exigentes e mais rigorosos, mas se o forem, as notas baixam, para desagrado da Direcção	B8, B10, B11
		Com a pressão que existe para cumprir os programas, como acompanhar os alunos com mais dificuldades	B12 – B16
É difícil gerir a multiculturalidade na sala		C1 – C5	
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	Amizade	D1
		respeito	D2
		A tolerância étnica	D3, D4
		o respeito pelas diferenças	D5 – D7
		por vezes tem que fazer de conta que não ouve determinadas provocações para conseguir dar a aula	D8 – D11

	Conduta na prática diária	É preciso perceber que o professor tem limitações e que não consegue resolver os problemas de todos os alunos	F10 – F16
		É importante interagir com os colegas para se sentir inserida numa escola e poder trabalhar melhor	F5 – F9
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Na sala de professores finge-se que não há problemas e por isso não há abertura para desabafar sobre os problemas da sala de aula	E1 – E6
		Quando vê que um aluno não está bem tem receio de perguntar o que se passa para não entrar na privacidade do aluno	E12 – E16
	Estratégias para resolução dos dilemas	Grande parte das vezes resolve os problemas sozinha porque isso lhe dá mais autoridade em relação aos alunos	E7, E9 – E11, F2
		Por vezes pede ajuda ao psicólogo	F3
Funciona por instinto e bom-senso		F1, G3	
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	Deveria dizer o que se deve e não se deve fazer	G5
		Devia proteger a privacidade dos alunos, sobretudo nas reuniões	G6 – G9
		Devia promover uma boa relação entre os professores porque há muitas intrigas	G10, G11
		Deveria estabelecer as relações com os pais para evitar tantos conflitos	G12 – G17
		Deveria ser a nível local	I1 – I5
	Comissão de elaboração do código deontológico	Os professores	H1, H2
		Alguém ligado à legislação	H3, H4
		Um presidente da associação de pais	H9
		Um professor que pertença a um órgão de gestão	H6

	Não deveria ser punitivo porque o controlo dessas situações seria muito complicado	H5, I8 – I12
Vantagens	Melhorar a relação entre os intervenientes	I6
Dificuldades	Será difícil conseguir prever situações tão diversas	G1, G2

Anexo 10

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 9

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo	
Caracterização do professor		Professora de História	A1	
		Está no ensino há 19 anos	A2	
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Os alunos eram mais silenciosos e mais atentos	B1 – B7	
		Agora são mais irrequietos	B8 – B10	
		Os alunos são mais curiosos e questionam muito mais a História e os sistemas políticos	C1 – C7	
		Os alunos não reconhecem a importância da educação	D6	
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	Tolerância	D1, D2	
		Igualdade	D3	
		Liberdade de expressão	D4	
		o valor do trabalho	D5	
		Nem sempre consegue promover o valor da igualdade quando há crianças com deficiência na sala de aula	D8 – D11	
		Quando sabe que há problemas familiares com os alunos, evita falar para não ferir susceptibilidades	D12 – D16	
	Condução na prática diária	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Tenta dar oportunidades aos alunos mas por vezes isso traz-lhe dissabores	E16 – E22
			Os maiores dilemas que tem são enquanto Directora de Turma	E1, E9, E10
			Descobriu no jornal local que uma menina da sua Direcção de Turma era violada pelo pai e por um vizinho e ficou sem saber como abordar o assunto	E2 – E6
			Se uma pessoa não cumprir o Regulamento Interno, não acontece nada	G5 – G8
			Quando recebe queixas dos pais sobre um colega nunca sabe como abordar a pessoa	E11 – E13
	Estratégias		Pede ajuda ao psicólogo	E7, E8
			promove reuniões entre os pais e os colegas professores	E14, E15

		Os professores deviam ter mais formação para resolver determinados problemas	EF1 – F4
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	É importante que tenha consequências	G9
	Comissão de elaboração do código deontológico	Os professores	H1
		Os pais	H2 – H6
	Vantagens	Apoio nas decisões	I1
		Será bom para os pais perceberem o que querem para a educação dos filhos	I2, I3
Dificuldades	Será muito complexo de fazer	G1 – G4; G17, G18	

Anexo 11

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 10

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Professora de Educação Moral	A1
		Dá aulas há 26 anos	A2, A5
		Formação de base é Direito mas optou por fazer uma componente de habilitação em Ciências Religiosas	A3, A4
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	O facto de hoje ter outra idade faz com que veja as coisas de uma forma mais madura	B1, B4, B5, B6, B7, B8
		a sociedade mudou	B2
		as pessoas mudaram	B3
		havia mais disciplina	B9
		Grande parte dos problemas que se tem com os alunos é derivado da indisciplina	B10
		os pais tinham mais influência e faziam cumprir as regras	B11
		os pais tinham mais tempo para fazer o acompanhamento dos alunos	B12
		hoje as pessoas são mais livres	B13, B14, B20
		Hoje tem menos paciência para a indisciplina	B15, B24
		Hoje compreende melhor os problemas dos alunos e as dificuldades da escola	B16, B17
		Nota-se muito desânimo nos professores	C4
		Há professores a contar os anos que faltam para a reforma	C5
		Os professores tinham gosto no que faziam mas hoje não	C6
		Os professores sentem-se incompreendidos	C7
		Os professores sentem-se desvalorizados	C8, C23
		Os professores têm sido agredidos emocionalmente pelos alunos e pelos pais	C9, C44, C45, C46
		Os pais têm uma imagem distorcida dos professores e passam-na para os filhos	C10, C11, C24
Ser professor hoje é muito doloroso	C25		

	Há muita pressão entre o grupo de alunos para se continuarem a portar mal, independentemente do trabalho que se faça com eles	C26, C27, C28, C29, C32, C33,
	Aparecem alunos com depressões e outros problemas relacionados com a pressão que é feita pelos colegas	C30, C31
	Todos os intervenientes estão a jogar à defesa e isso impede a comunicação	C34, C35
	Sente-se uma guerra entre professores e alunos	C37
	Os professores têm muita relutância em trabalhar com os pais	C42, C43
	As crianças não estão felizes na escola	C47
	Os pais não têm mão nas crianças nem resistência psicológica para os criar	C48 – C68
	Os aunos fazem jogadas com os pais e os professores, mas como não há diálogo entre as partes, surge conflito	E33 – E37
	A avaliação dos professores veio estragar a relação entre os professores porque trouxe a mesquinhez da pessoas à tona	E38 – E41
Coisas que se mantêm iguais	As crianças necessitam de ter um adulto de referência	B26, B27
	Os professores continuam a querer ajudar os alunos a encontrar um percurso	B28, B29
	O currículo da disciplina continua a permitir interagir mais com os alunos	B30, B31
Desafios que se colocam hoje em dia	Os professores parecem ter perdido a vontade de estabelecer uma ligação com os alunos	C1, C2, C3, C12, C13, C14, C36
	Os professores aconselham-na a dar a aula e manter os alunos como se fossem soldados, mas ela sente que isso não está correcto	C15 – C21, C38, C40, C41
	É difícil perceber como se pode relacionar com os alunos num ambiente sem regras	C22

		As pessoas não são capazes de tomar uma decisão e esperam que os outros tomem a decisão por eles	E1 – E4, F14, F15, F22, F23, F24
		O mau ambiente entre os professores provocado pela avaliação fez com que as pessoas deixassem de procurar ajuda no colega com medo que isso os prejudique na avaliação	E42 – E47
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	Os valores cristãos	D1, D2, D3
		Responsabilidade	D4
		Solidariedade	D5
		Amor	D6
		Liberdade	D7
		Ensina sobretudo os alunos a interiorizar os valores	D8, D9, D10, D11
		Tenta criar situações em que os alunos tenham oportunidade de vivenciar os valores	D12 – D20
		É importante sensibilizar os alunos para a sociedade consumista em que vivemos hoje	D21
		É importante sensibilizar para a diversidade religiosa	D22 – D27
		Desmontar os preconceitos em relação à diversidade religiosa, separando-a de conflitos políticos	D28
	Conduta na prática diária	Pediu à psicóloga da escola para a ajudar a encontrar estratégias para captar a atenção dos alunos	C39
		Pediu ajuda a uma colega, pedindo-lhe para ela ir assistir à aula e verificar o que é que estava a ser feito de errado	E8 – E13, E18
		Sente necessidade de introspecção para avaliar a sua própria prática e tentar melhorar ao máximo	E14 – E17
		Aprendeu a não se desgastar quando as aulas não correm como desejaria	B22, B23

	Apreendeu a relativizar os problemas e a dar menos importância a determinadas situações	B18, B19, B21, B25, E19, E20, E21, E22, E23
	Apreendeu a não fazer generalizações em relação às atitudes dos pais	E24 – E27
	Tenta estar pouco envolvida nos conflitos dos colegas e centra-se mais na relação com os alunos	E48, E49
	Quando tem um dilema tenta ouvir a opinião das outras pessoas	F1, F3, F7
	Mas sabe que a decisão final é sempre sua e tem que arcar com as consequências	F2, F8, F19, F20, F21
	Tenta confiar na sua capacidade de tomar decisões	F4, F5, F9
	Para se resolver um dilema é necessário saber lidar com as incertezas e com as nossas fragilidades	F6, F10, F16, F17, F18
	É necessário saber olhar para os nossos erros e aprender com eles	F11, F12, F13
Dilemas que se colocam na sua prática diária	Há uma turma com a qual tem trabalhado mas que não tem regras	E5
	Pede ajuda aos colegas e dizem-lhe que ela tem que trabalhar à força com os alunos	E6
	Ela não concorda e procura estratégias diferentes mas sem sucesso	E7
	Gostava de criar uma Escola de Pais porque as relações entre as pessoas tem que mudar, senão a Escola será uma tortura para todos	E28 – E32
	Teve que tirar o emprego a uma professora mais jovem, sua amiga, para dar horário a uma outra professora por uma questão de justiça	F25, F27, F28
	Muitas pessoas na escola questionaram a sua opção e ficaram indignadas	F29

		O mais difícil nos dilemas é o facto de sabermos que não se consegue agradar toda a gente	F26
		É de extrema importância tomar decisões com justiça e rectidão	F30 – F37
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	Tem que ter um grau de liberdade	G2
		Deve ter orientações, mas abertas	G3, G4, G5
		Deve ajudar a reflectir sobre os valores mais importantes	G6, G7
		Deve ajudar professor a pensar	G8, G11, G12
		Não deve ser nem muito fechado, nem muito aberto	I9
	Comissão de elaboração do código deontológico	Deve ser um grupo de partilha	H1, H2, H3, H9, H10
		Pais	H4
		Escola	H5
		Professores como elementos privilegiados	H6, H8
		Funcionários	H7
	Vantagens	Iria ajudar a reflectir antes da tomada de decisão	G1
		As decisões continuam a ser solitárias, mas com o código seriam mais fundamentadas	G9, G10
		Seria bom se os professores se sentassem em torno dessa reflexão, procurando preocupações comuns	I7, I8, I10, I11
		Seria um grande instrumento de coesão entre os professores	I12
		Seria uma ajuda à crise de identidade que os professores atravessam neste momento	I14, I15
	Dificuldades	As pessoas vivem os valores de forma muito diferente	I1, I2
		Exigirá muita reflexão dos professores, mas estes não têm tempo para o fazer	I3, I4, I5, I6

Anexo 12

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 11

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Está a leccionar há 9 anos mas nem sempre ficou colocada	A1; A2; A3
		Área da Matemática do Básico ao Secundário	A4
		Há 5 anos que dá formação a adultos (Cursos EFA)	A5; A6; A7
		Os cursos EFA foram um desafio porque o público-alvo é diferente	A8 - A10
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	A imagem do professor tem vindo a deteriorar-se	B1; B4
		As expectativas que construiu durante o curso não encontraram eco na realidade	B2; B3; B10; B11
		Os professores andam desmotivados	B5; B6
		Há muita responsabilização do professor por tarefas muito burocráticas	B7
		Há maior preocupação com a burocracia do que com a aprendizagem dos alunos	B8; B9
		Os problemas que os alunos trazem de casa provêm da pouca autoridade que os pais têm sobre os filhos	B17 - B20
		Cada vez se dá mais liberdade aos alunos e isso está a estragá-los	B13 - B16
		Os professores andam desgastados	B12; B21
		Os professores sentem-se impotentes perante certas situações	B22
		Os professores efectivos não estabelecem uma relação de proximidade com os professores contratados	E1 - E6
		Os professores não gostam de ser observados porque não gostam de ser avaliados	K4 - K7

	Desafios axiológicos que se colocam hoje em dia	Os valores têm vindo a perder-se em alguns ambientes escolares	C1 - C5
		Há alguns alunos com os quais ainda se consegue criar uma boa relação	C6
		Se os valores que os alunos trazem de casa forem bons, é mais fácil desenvolver um bom clima de aprendizagem	C7; C8
		É imposto ao professor que passe o aluno, mesmo quando este não merece	D1; D2; D10
		Tenta ajudar os alunos ao máximo, mas discorda deste sistema de passar os alunos sem que eles mereçam	D3 - D7; H8 - H20
		Não reter os alunos quando eles devem ser retidos é prolongar um problema por mais tempo	D8; D9; D18 - D25
		É difícil ser justo e fazer uma avaliação transparente num sistema como este	D10 - D14; D15 - D17
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	O trabalho em grupo	C9 - C12
		Ser capaz de trabalhar com pessoas que não escolheu para o grupo	C13 - C17
		Respeito pelo outro	C18 - C21
		Adequa os valores que promove ao grupo a que lecciona, conforme as necessidades deles	C22; C23
	Conduta na prática diária	Tenta tomar decisões acertadas e avaliar as situações correctamente	F1 - F14
		É importante servir de exemplo aos alunos	F15 - F18
		Tenta mostrar caminho aos alunos, desmistificando a aprendizagem da Matemática	F19 - F23; G1; G2
		Tenta estar o mais disponível possível para ajudar os alunos a recuperar as notas	H1 - H7

		Quando tem problemas com os alunos pede ajuda ao psicólogo/a ou professor de ensino especial	I1 - I6; I9
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	É difícil separar os problemas pessoais que os alunos têm da sua vida escolar	H21 - H27
		Por vezes um psicólogo é pouco para tanta gente	I7; I8; I10; I11
		Sente que não tem formação suficiente para lidar com casos difíceis	I14; I15
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	Deveria ser concreto e exemplificativo	J1; J2; M7
		Não pode falar só em valores ou ser muito vago	J3 - J5
		Não deve ser um guia ético de carácter sugestivo	M1 - M3; M6
		Será uma base sólida para uma avaliação mais justa	M4; M5
	Comissão de elaboração do código deontológico	Não pode ser feito só por professores porque os professores estão fechados numa concha	K1 - K3; K8 - K12
		Professores e psicólogos	K13
		Grupo ligado ao ensino com uma visão abrangente da situação	K14
	Vantagens	Seria uma ajuda para a reflexão e acção dos professores	L4; L5; M8 - M10
	Desvantagens	Os professores são pouco adeptos de mudança	L1 - L3

Anexo 13

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 12

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Lecciona há 3 anos	A1, A2
		Área de Português, Latim e Grego	A3, A4
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Agora há muita pressão na avaliação	B1
		Houve alterações nos nomes dos cargos de direcção	B2, B3
		Em algumas zonas do país há alunos com grandes problemas sociais	B4, B5, B6
		Nos colégios os pais e os alunos são mais certinhos	B7
		Nota-se diferença entre os meios mais rurais e os mais urbanos	B8, B9, B11
		Os professores efectivos não criam ligações com os professores contratados	B10
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	O respeito por si próprio	C1, C2
		O respeito pelos outros	C3
		A amizade	C4
		A pontualidade	C5
		A persistência	C6, C7
		A entreaajuda	C8
		O respeito pela natureza e pela reciclagem	C9
		A concentração e autocontrolo	C10, C11
		A tolerância	C12, C13
A paciência	C14, C15		
Código deontológico	Comissão de elaboração do código deontológico	Um grupo de professores	G3, G4, G8
		Juntamente com encarregados de educação	G5, G9
		Psicólogos educacionais	G6, G10
		Advogados	G7
	Desvantagens	As pessoas sentem relutância em relação à mudança	H1, H2, H3, H4
	Não sabe se seria bem aceite	H5, H6, H7, H8	

Anexo 14

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 13

Categories	Subcategories	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Está a leccionar há 5 anos	A1
		Quando terminou o curso começou a dar explicações	A2; A3
		Esteve 2 anos numa escola profissional	A4
		Actualmente está numa escola pública	A5
		Área de fisico-química	A6
		Leccionar numa escola profissional é diferente de uma escola pública porque os alunos têm percursos futuros diferentes	A7 - A11
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Ser professor hoje é diferente	B1
		Existe cada vez menos respeito pelo professor da parte dos alunos e dos pais	B2
		Existe uma grande responsabilização dos professores	B3
		Os professores são acusados de coisas que não fazem	B4
		Os pais não procuram ouvir a versão dos professores	B5; B6; B7
		As turmas são muito diferentes de escola para escola	B8; B9; B10
		No centro de explicações os alunos tinham mais vontade de trabalhar, enquanto que hoje arranjam desculpas para não o fazer	B11 - B13
		Os pais são permissivos demais	B14 - B18
		Dá-se bem com toda a gente, como antes	B19; B20
		Hoje em dia há mais burocracia	B21 - B23; G14
		Há cada vez mais burocracia para evitar que os professores chumbem um aluno	G15; G16; G17
		A autoridade foi retirada aos professores	G1 - G5

		Os direitos dos professores estão cada vez mais abafados	G9
		Cada vez é mais exigido aos professores, e é dado cada vez menos	G10
		Os horários estão cada vez mais sobrecarregados	G11; G12; G13
	Desafios axiológicos que se colocam hoje em dia	Como a falta de respeito é cada vez maior, é necessário reforçar valores como o respeito	C12; C13; C14; C17 - C20
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	Ser educado	C1; C2; C11
		Respeito	C3; C4; C9; C10
		trabalho em grupo	C6; C7; C8
		A amizade	C5
		Saber estar	C15
		Saber ser	C16
	Conduta na prática diária	Nunca procurou a ajuda do psicólogo porque nunca teve alunos com NEE	F1; F2; F3
		Mas se precisasse da ajuda do psicólogo, recorreria	F4 - F10
		Como nunca foi directora de turma, nunca sentiu dilemas nem desafios	G6 - G8
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Nunca teve um dilema ético	D1; D17; D18
		Por vezes sente-se indecisa mas não considera isso um dilema	D2 - D5; D7 - D16; E1; E2
		Nunca se pode mostrar fragilidade, senão não consegue fazer mais nada dos alunos	D6
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	Não deve ser muito vago	H1; H2; H4
		Não pode ser demasiado directivo	H3; H5
		Deve ter alguma abrangência com a qual se consiga trabalhar	H6; H7
		Deve focar essencialmente a relação aluno-professor	H8; H12

	Deverá também mencionar a escola, os pais e a comunidade	H9 - H11
	Não pode ser feito com base em escolas-modelo	I13; I14
	Tem que ser com o intuito de ajudar os professores	J1; J2
Comissão de elaboração do código deontológico	Teriam que ser professores que estejam ligados ao trabalho <i>no campo</i>	I1; I2; I4; I6; I8
	Não pode ser feito por ninguém do Ministério porque quem lá está não tem noção da realidade	I3
	Poderia ser uma equipa constituída também por pais e alunos, mas só se fosse necessário	I5; I7
	Pessoas que tenham diferentes tipos de experiência	I9 - I12
Vantagens	Vai ajudar a punir os maus professores	J3 - J7

Anexo 15

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 14

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Está a leccionar há 20 anos	A1
		Sempre leccionou em ambientes semi-urbanos	A2
		área de Português - Latim - Grego	A3
		Nestes últimos 3 anos tem estado a leccionar no ensino profissional	A4
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Ser professor hoje não é o mesmo que ser professor há 20 anos atrás	B1
		Nos primeiros anos há expectativas que não encontram eco na realidade	B2; B3
		Notou-se uma involução dos valores dos alunos	B4
		Havia, da parte dos alunos, na relação com os professores, uma maior cortesia	B5
		Havia, da parte dos alunos, na relação com os professores, maior respeito	B6; B8; B9; D4; D11
		Agora é necessário muito mais esforço para conseguir que os alunos respeitem os professores	B7; B10
		Na actualidade é necessário encontrar estratégias diversificadas para manter os alunos atentos e positivamente activos	B11; B12; B20; C49; C50; D42
		Os alunos agora distraem-se com muita facilidade	B13; B14
		É necessário fazer um grande esforço para manter o controlo da turma	B15 - B18
		A noção de hierarquia está a perder-se	B19
		Os alunos não têm maturidade	B21; B22; C43
		Há um sentimento de impotência por parte dos professores	C33
		Antigamente os alunos traziam os valores enraizados de casa	D1 - D3; D8; D9
		Havia da parte dos pais mais apoio e respeito pelo trabalho do professor	D10; D12

		Hoje em dia as famílias estão sobrecarregadas de trabalho e não têm tempo para acompanhar os filhos	D5 - D7
		Hoje em dia caiu-se num facilitismo desmesurado que faz com que os alunos saiam impunes	D13 - D18; D22
		Há situações em que os professores preferem fazer de conta que não ouvem/não vêem para não se chatearem	D19; D20; D23; D24
		Os professores arriscam-se a ser alvo de insultos	D21
		Ao contrário de antigamente, os alunos hoje só procuram o que é fácil e imediato	D25 - D29
		Os alunos têm actividades extra-curriculares demais que não lhes deixam tempo para se dedicarem à escola	D30 - D33
		Os alunos cada vez têm menos tempo para brincarem e serem crianças	D34 - D41; D43; D44
	Desafios axiológicos que se colocam hoje em dia	Ainda há alunos que moram em meios rurais que não têm água canalizada nem electricidade	B23 - B26
		Essas condições fazem com que os alunos sejam discriminados pelos colegas	B27 - B31
		Há questões que ultrapassam o nível de acção dos professores	B32; B33
		Os alunos não respeitam as regras e os pais não fazem com que eles as cumpram	C26 - C32
		Os alunos da escola profissional sentem que têm o percurso facilitado e por isso são mais negligentes com os estudos	C44 - C48
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	O respeito pelas diferenças	C1
		O respeito pela opinião do outro	C2; C3; C4
		O respeito pelo outro	C5; C6
		O respeito pelos materiais escolares, o não danificar aquilo que é utilizado por todos	C19; C20; C24; C25
		O valor do estudo e do trabalho	C21; C22; C23
		O respeito pelo próprio corpo (algum sentido de pudor)	C34 - C40

Conduta na prática diária	Tenta manter o discernimento, mesmo em situações de pressão e confusão	C7 - C12; C17; C18	
	Tenta falar com os alunos individualmente e nunca os expôr à turma	C13 - C16; C42	
	Tenta levar os alunos a agir em conformidade com aquilo que julga ser benéfico	C41	
	Procura regular a relação com alunos e colegas na base da cordialidade e do respeito	E10; E14; E15	
	É muito importante dar-se bem com os colegas que partilham as mesmas turmas	E16; E17	
	É necessário tomar as decisões de forma ponderada, não agindo "no momento"	E18 - E23	
	É necessário manter a imparcialidade mesmo em momentos de saturação	E24 - E27	
	Quando necessita de ajuda, recorre a colegas especializados	F1 - F6	
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	É cada vez mais difícil lidar com os colegas porque o desgaste da profissão afecta as pessoas	E1 - E5; E11 - E13
		É complicado chamar a atenção de um colega quando ele foi incorrecto com um aluno	E6 - E9
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	Deveria ser feito com muito discernimento porque um contexto de turma é diferente da relação médico-paciente	G6 - G8
		Deverá decorrer de uma análise intensiva do que é ser professor hoje	G11; G12
		Deverá ter em conta os diferentes meios escolares e as dificuldades encontradas no terreno	I3 - I8
		Poderá ser mais geral e operacionalizado em regulamentos internos das escolas	I10; I11
	Comissão de elaboração do código deontológico	Por pessoas que saibam o que é ser professor hoje	G9; H7; H8; H9; H19; H20
		Não deverá ser feito apenas por teóricos	G10
		Pode vir a ser útil	G1
		Deverá ser redigido por	H16; H17

	professores	
	Por psicólogos	H18
Vantagens	Se for feito por pessoas competentes e conhecedoras, será útil	I9
	Por vezes há professores que são levados a cometer incorrecções a nível ético e o código poderia ajudar	G3; G4; G5
	Em todas as profissões há bons profissionais e maus profissionais e o código ajudaria	H5; H6
	Uma forma de garantir que os professores que merecem ser punidos, recebem essa punição	H10; I1; I2
Desvantagens	Devido ao sistema em que vivemos, um código pode adquirir laivos de insegurança	G2
	Já temos muitas estruturas a quem temos que obedecer, pelo que o código deverá ser feito com parcimónia	H14; H15
Princípios que os professores devem ter na conduta diária	O professor deverá ter um código de ética para que se leve a profissão com seriedade	H1
	Tem que preparar as suas aulas	H2
	Tem que ministrar com seriedade os conhecimentos aos alunos	H3

Anexo 16

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 15

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Está a leccionar há 15 anos	A1, A11, A12
		Tem duas licenciaturas: Português Latim e Grego e Educação Moral	A2, A3
		Com a primeira licenciatura levava uma vida muito precária e decidiu mudar de vida	A4 - A10
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Ser professor hoje não é o mesmo que ser professor há 15 anos atrás	B1, B12, B13
		O modo como os alunos vêm os professores hoje em dia é muito diferente	B2, B5, B6
		Houve mudanças tecnológicas e o apoio técnico melhorou	B3
		A nível pedagógico há muito mais ferramentas	B4
		Os alunos olham para o professor como um inimigo	B7 - B11
		Cada vez mais sente necessidade de promover a esperança	C17
		Houve valores que sempre promoveu, mas hoje em dia sente necessidade de promover mais	C18
		Os professores sofrem muita pressão no dia-a-dia e há uma grande necessidade de desabafar e de ter apoio	E1 - E6, E12
	Desafios axiológicos que se colocam hoje em dia	A relação entre colegas mudou muito	D1, D2
		A forma como está implementado o sistema educativo faz com que haja grandes competições	D3
		É cada vez mais difícil ser honesto num ambiente de desonestidade	D8 - D11
		Está a ser muito complicado gerir a pressão de ser avaliado na escola	D12, D13, D14
		Os alunos desrespeitam cada vez mais os professores e fazem-nos perder a sanidade	D20 - D25

		mental	
		Quando se precisa de penalizar um aluno os sistema de resposta é muito lento e os alunos sentem que ficam impunes	D26, D27
		É cada vez mais exigido ao professor dedicação ao trabalho na escola em tarefas extra	E13 - E16
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	O respeito por si mesmo	C1, C2, C4, C8, C10
		O respeito pelo outro (seja o professor, colegas, etc.)	C3
		A dignidade do ser humano	C5
		O respeito pelo seu próprio corpo	C6, C7
		O agir por amor ao outro (amor enquanto respeito)	C9
		A necessidade de amor entre as pessoas	C11, C12
		O valor da esperança	C13 - C16
		O valor da vida	C19, C20
		É importante relectir sobre os valores e as nossas acções	C21
		Conduta na prática diária	Quando tem uma situação que não consegue resolver, pede ajuda ao psicólogo da escola
	Quando são questões burocráticas costuma pedir ajuda a colegas com mais experiência		F5, F6
	Mas nem sempre consegue obter as respostas que necessita e sente que sai insatisfeita		F7, F8
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Teve no ano passado algumas das acções de dinamização - que sempre - fez a serem boicotadas por colegas, só para que tivesse avaliação negativa	D4 - D7, D15 - D17
		Teve que começar a convidar as colegas para participar nas suas actividades para evitar que estas boicotassem as mesmas	D18, D19, E7 - E11
		Já foi ameaçada por determinados alunos e teme pela sua família, mas não pode fazer nada	D28 - D34

		Quando o professor tenta agir correctamente é ameaçado pelos alunos	D35 - D37
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	Deverá definir o perfil do professor e aquilo que é esperado do professor pela sociedade	H1, H8 - H11
		Deverá enfatizar a importância da competência pedagógica	H2
		Deverá conter valores agrangentes	H3, H4, H7
		Não deverá ser demasiado específico	H5, H6
	Comissão de elaboração do código deontológico	Professores	I1
		Pais	I3
		Alunos	I4
		Uma equipa multidisciplinar	I2, I5, I6, I11, I12
		Um Jurista	I7
		Alguém das Ciências da Educação	I8
		Psicólogos	I9
		Sociólogos	I10
	Vantagens	Sente falta de um código de ética porque iria proteger a profissão	G1, G2
		Seria bom ter um ponto de referência para que possamos julgar o nosso próprio comportamento e o dos colegas com um fundamento	G3, G4
		Vê-se pelos profissionais que têm códigos de ética que não andam ao sabor da opinião pública	G5, G6
		Será bom para tirar a imagem do professor da lama	G7, G11
		Será bom para recuperar a ideia da sociedade de que o professor não faz nada o dia todo	G8 - G10

Anexo 17

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 16

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Professor de História	A1
		Lecciona há cerca de 24 anos	A2
		Tem leccionado em ambientes mais urbanos	A3
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Porque o mundo não é o mesmo que era há 24 anos, a escola e o ensino também estão diferentes	B1 - B3
		O acesso às tecnologias de informação por parte dos alunos e dos pais mudou a relação destes com a escola	B4, B5, B8
		Essa informação muda muitas vezes o comportamento dos encarregados de educação e dos alunos	B6, B7
		O fenómeno da globalização veio mudar o mundo	B9 - B12
		A forma como a escola é vista de fora para dentro alterou-se	C3
		Os pais são cada vez mais pressionados pelo mercado de trabalho	C9
		Os alunos passam tempo demais na escola	C10, C11
		A escola vê-se obrigada a fazer serviços de psicologia, de medicina, assistência social, etc.	C12 – C19
		São exigidas cada vez mais competências aos professores, para os quais não têm formação nem estão preparados	C20, C21, C22, E9, E10, E11
		É exigido aos pais cada vez mais tempo e dedicação ao trabalho, o que faz com que não tenham tempo para acompanhar os seus filhos	D2 – D4
		A escola vem em algumas coisas substituir a família	D5, F30
		Nota-se os problemas da sociedade a entrarem pela escola dentro	E12 – E15

		Os professores hoje em dia dão mais de 40 horas semanais de trabalho à escola	F7 – F9
		A avaliação dos professores trouxe uma comparação entre escolas sem sentido	F22 – F25
Coisas que precisavam de mudar		A escola precisa de um psicólogo mas não há recursos	E1 – E8
		A Escola precisa de dar respostas alternativas a alunos que queriam fazer o 9.º ano	F1 – F6
		A forma como a avaliação foi introduzida na escola	F10 – F21
		A avaliação externa avalia coisas que não devia avaliar	F26 – F29, F31 – F35
Coisas que se mantêm iguais		O relacionamento com os colegas, alunos e encarregados de educação têm sido regidos pelos mesmos princípios éticos	C1, C2, C23 – C26
Desafios axiológicos que se colocam hoje em dia		É importante que os pais comecem a encarar a educação dos filhos de forma assertiva	C4, C5, G19 – G22
		Os pais cada vez mais olham para a escola como o sítio onde deixam os seus filhos para que possam ir trabalhar descansados	C6, C7, C8
		A escola tem que ser firme com os encarregados de educação	D11 – D16
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	Os valores que estão consagrados no prjecto educativo da escola	D1
		Formação para a cidadania	D6, D7
		Respeito pela diferença	D8
		Igualdade de oportunidades	D9, D10
Código deontológico	Comissão de elaboração do código deontológico	Grupo de professores que elaborariam um documento e que proporiam à discussão numa assembleia	H1, H3
		Poderia ser um sindicato	H2, H4
		Os sindicatos são compostos com pessoas que têm ligações partidárias e isso poderia complicar a sua aprovação	H5 – H8
		Terá que ser aprovado pelo Parlamento	H9, H10
	Vantagens		Poderia vir a agrupar todos os documentos do Ministério da Educação

Opinião	Não sabe se é a favor da existência de um código	G1, G2, G4
	Podem existir algumas regras indicativas	G3
	O facto de funcionar como um organismo de classe faria com que os professores se protegessem quando não o deveriam fazer	G5 , G6, G7
	Mudará de opinião se lhe provarem o contrário	G8, G9, G10

Anexo 18

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 17

Categories	Subcategories	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		É professora de Português, Latim e Grego	A5
		Está no ensino há 7 anos	A4
		Tem feito um percurso variado dentro do ensino	A1, A2, A3, A6
		Deu aulas em Timor Leste	A7
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	É muito diferente	B1
		Há muita burocracia	B2, B4, B12, B13
		As pessoas não se focam naquilo que é verdadeiramente importante	B3, B5, B6
		Parece que as pessoas fazem um trabalho e que isso não é lido por ninguém	B7 – B11
		É difícil incutir regras nos alunos	C1 – C4
		Os professores têm cada vez mais uma conduta passiva	E27 – E29
		Há condescendência demais com os alunos	E33
		As reprovações não são bem vistas e passam-se alunos que não têm as competências necessárias	E38 – E42
	Desafios que se colocam hoje em dia	É difícil ter a colaboração dos pais e desenvolver um trabalho sério	C5 - C11
		Eseprava ter tido mais aproximação dos alunos sendo Directora de Turma	C12 – C14
		Sente que deve fazer queixa quando as coisas não estão bem, mas ao fazê-lo é mal vista pelos colegas porque o facto de apresentar queixa é sinal de que não controla os alunos	E20 – E22
		A escola demora 2 meses até dar seguimento a uma queixa de um professor e isso faz com que os professores não acreditem no sistema	E23, E24
		Queriam que passasse um aluno que até ao 2.º período nunca o tinha visto	E30 – E32, E34 – E37
		A classe docente ataca-se mais do que aquilo que se ajuda	H4, H5

O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	A boa educação	D1, D2
		O trabalho cooperativo	BD3
		A generosidade	D4
		O respeito pelo outro	D5, E5, E6
		Sinceridade	D6
		Espírito crítico	D7, D8, D9
		O valor do estudo	D10
	Conduta na prática diária	É importante manter a calma e zelar pela sua própria sanidade mental	E3
		Sente que não pode ir contra os seus valores porque isso a iria afectar	E4
		Sente que quando há algo de errado, tem que apresentar queixa, por muito trabalho que isso dê	E1, E2, E7 – E15, E17 – E19, E25, E26
		Houve situações em certas turmas que a fizeram ter muito medo mas não desistiu	E16
		Não gosta de agir por impulso, pelo que prefere reflectir antes de tomar qualquer decisão	G1 – G3
		Só pede opinião a pessoas em quem confia e nas quais reconhece valor	G4 – G6
		Nunca recorreu ao psicólogo da escola orque para além de não ter muito boa impressão acha que eles fazem um trabalho um pouco artificial	G7 – G13
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Ao dar aulas em Dili houve um aluno que, apesar de ter sido muito ajudado pela professora, afirmou que ela o devia ter passado por ser mais velho e que a função dela era ajudar	F1 – F9
		Teve vontade de falar com ele mas sentiu que ia criar um conflito sem necessidade, mas nunca o perdoou	F10, F11
		Teve alunos da sua direcção de turma a queixarem-se que um professor mais velho lhes batia	F12 – F15

		Sem saber o que fazer disse-lhes que eles deveriam primeiro esclarecer a situação com o próprio professor e que só se não conseguissem é que ela interviria	F16 – F18
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	Se o código tivesse um carácter sancionatório os professores teriam uma péssima reacção	J1
	Comissão de elaboração do código deontológico	Só professores	I1, I2
	Vantagens	Iria salvaguardar aqueles professores que já cumprem as regras	K1 – K4
	Opinião	Nunca tinha pensado nisso	H1
		Os professores reagem mal à mudança, quando a deveriam apoiar sendo agentes de mudança	J2 – J6
		Seria difícil conseguir o consenso	J7, J8
	Princípios que os professores devem ter na conduta diária	Não difamar o colega	H2, H3
		Devia haver um espírito de entre-ajuda e de cooperação entre os colegas	H6, H11
		A relação com os alunos deve ser pautada por valores de respeito e orientação	H7, H10
		Devia haver algo em relação à promoção da formação contínua	H8, H9
		Os professores mais jovens deviam ser mais apoiados no início	H13
		Devia haver mais disponibilidade para ajudar a Direcção	

Anexo 19

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 18

Categories	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Professora de Educação Moral e Religiosa Católica	A2, A3
		Há 21 anos	A1
		Começou a dar aulas no magistério primário e depois especializou-se nesta área	A4 – A7, A11 – A14
		Foi uma adaptação difícil o facto de só ter 45 minutos co os alunos e andar uma semana inteira a dar a mesma coisa	A8 – A10, A15, A16
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Em algumas coisas melhorou	D1
		a passagem do paradigma de ensino para os 4 pilares da educação foi extremamente positivo	D2 – D5
		Há muita burocracia	D6, D7
		Devia haver uma equipa técnico-pedagógica em cada escola	D8, D9, D12, D13
		Os professores cada vez mais são médicos, assistentes sociais...	D10, D11
		Os pais estão a trabalhar por turnos e as crianças passam muito tempo sozinhas e sem orientação	D14, D15
	Desafios que se colocam hoje em dia	Os alunos precisam de Educação Moral e vão-se apercebendo disso	C1 – C7
		A gestão dos diferentes papéis que os professores desempenham na escola torna-se muito complicada	E6 – E9
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	a relação com os outros	A19, B4, B5
		autonomia	A20
		responsabilidade	A21
		cooperação	A22
		o saber ajudar	A23
		saber partilhar	A24, A25, A26, A27

		valores morais	A17, A18
		promoção de opções responsáveis no que toca a sexualidade	A28, A29
		A auto-estima	B1, B2, B3
		a relação com o ambiente	B6
		o saber estar	B7, B8
	Conduta na prática diária	Tenta trabalhar com os alunos a formação cívica porque sabe que os colegas de Formação Cívica aproveitam a aula para tratar de assuntos administrativos	C8 – C11, C18
		Tenta investir na sua formação sempre que possível	F1, F2
		procura sempre o apoio de colegas quando não consegue resolver um problema	F3 – F6
		Tem um membro na família que é Assistente Social e recorre-lhe sempre que necessário	F7
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Houve uma aluna que era vítima de abuso sexual por parte do tio e foi muito difícil de resolver a situação	C12 – C17
		A justiça na avaliação da disciplina de Educação Moral é algo muito difícil	E1 – E5
Código deontológico	Características de um possível código deontológico	teria que ser abrangente	G4
		deveria dar autonomia aos professores	H1
		teria que ser nacional, mas operacionalizado nas escolas	H2 – H6, I3
		Deveria estabelecer uma uniformidade de critérios	I4
	Comissão de elaboração do código deontológico		
	Vantagens	Era extremamente importante mas não sabe se será possível	G1, G2, G6

		Iria evitar as disparidades na forma de actuação dos professores	I1, I2
	Desvantagens	o facto de ser muito abrangente poderia trazer ambiguidade	G5, J1, J2
	Princípios que os professores devem ter na conduta diária	Devia garantir a confidencialidade das informações prestadas pelos alunos aos professores	G7

Anexo 20

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 19

Categorias	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Caracterização do professor		Lecciona há 26 anos	A1
		Tem trabalhado em ambiente urbano ou periferia de urano	A2
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	É tudo radicalmente diferente	B1, B2
		Em relação à Gestão, no passado, tinham um contacto muito mais próximo	B3, B4
		As relações com a Gestão actualmente estão muito formais e distanciadas	B5, B6, B7
		A avaliação veio gerar medo nos professores, a par com uma competição desenfreada	B10, L9
		Os professores estão, na sua maioria, submissos à Direcção	B11, B12, H11, L7
		A avaliação veio degradar a relação entre os professores	B8, B9, B13, B14, B15, D1, D2, K6, K7, K8 – K11
		Há uns anos os professores sentiam-se bem na escola e conseguiam criar amizades	B16 – B20, B23, B24
		O facto de os professores se sentirem bem fazia com que trabalhassem com mais criatividade e os resultados eram muito melhores	B25, B26, B27
		As fronteiras entretanto criadas estão ter repercussões na prática pedagógica	B21, B22
		Hoje em dia os professores sentem-se mal na escola	B28 – B32, D6 - D10
		Houve um facilismo criado pelo sistema	C1, C2
		Neste momento os profesoress chegam a questionar o seu papel na escola	C3, H5
		Os alunos hoje em dia não têm gosto pelo conhecimento nem pelo saber	C4, C6, C7 – C10
		Os professores já não conseguem encontrar estratégias que captem a atenção dos alunos	C5, C12, C13, C14

		Há muita pressão para dar notas que não reflectem o percurso do aluno, provocada pela avaliação externa	C18 – C23, D3 – D5	
		A legislação agora parece estar toda centrada nos direitos dos alunos	H4	
	Desafios que se colocam hoje em dia	Devido à situação em que o ensino se encontra, não se sente motivada para dar aulas	C11, C15 – C17	
		A instabilidade que se sente na carreira dos professores gerada pela alteração do Estatuto da Carreira Docente faz com que se sintam desmotivados	E1 – E6	
		Os professores perderam a vontade de fazer formação	E7 – E10	
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	Cidadania	F1, F2, F3, F6, F7	
		Saber estar	F4	
		saber ser	F5	
		a boa educação	F8 – F13	
	Conduta na prática diária	É necessário muita reflexão no seu quotidiano para compreender e absorver todas as mudanças	H1 – H3; H6 – H9, I2, L8, M1	
		Conversa com colegas para trocar ideias e ajudar a resolver os seus dilemas	I1, I3 – I5	
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Em relação à avaliação de alunos não gosta de pedir aos colegas no seu Conselho de Turma para subir uma nota por um aluno que tem dificuldades cognitivas	G1, G2, G4 – G6	
		Fica escandalizada quando lhe pedem para passar um aluno que não trabalhou nada para a escola	G7, G8	
		Fica a pensar que se o aluno que não trabalhou passou de ano, o outro com dificuldades também deveria ter passado	G9 – G12, H10;	
		Sente que cometeu uma injustiça, mas os limites não estão definidos e as decisões são tomadas com base numa ética individual	G3, G13 – G17, H12 – H17	
	Código deontológico	Comissão de elaboração do código deontológico	Um grupo de representantes sindicais	L1, L2

	Viria reestabelecer as interacções com os colegas e iria ter um impacto positivo na prática docente	K1
Opinião	Parece que neste momento não existe deontologia nenhuma na profissão docente	J1 – J4, K3
	Era muito importante	J5
	Deveria haver uma Ordem dos Professores	J6
	Deveria fazer-se formação nessa área	K2, K4, K5
	A burocratização que existe neste momento poderia dificultar a construção de um código deontológico	L3, L4
	A deontologia que existe hoje decorre da boa formação pessoal de cada indivíduo	L5, L6, M13 – M15
Sugestões	Todas as discussões deveriam ser em órgãos colegiais	M2, M3
	Deveria haver órgãos mais representativos dos professores	M4, M5
	O tipo de Gestão da escola deveria ser mais democratizante	M6 – M13

Anexo 21

Análise de Conteúdo da Entrevista ao Professor 20

Categories	Subcategories	Indicadores	Unidades de Registo	
Caracterização do professor		Professora de Educação Musical	A2	
		Lecciona há 22 anos	A1	
Ser professor hoje	Diferenças entre a actualidade e o passado	Ser professor hoje é diferente	B1	
		Há cada vez mais desafios	B2, B11, C1, C2	
		No início havia mais gosto em dar aulas	B3, B4, B5	
		Os alunos gostavam de aprender	B6, C11	
		Os alunos tratavam os professores com mais respeito	B6, B7, B8	
		A imagem do professor tem-se vindo a degradar	B9, B10, C12	
		Hoje o professor tem que encarar a profissão como um desafio	B12 - B14	
		Os alunos enfrentam problemas muito mais complexos	B15 - B17	
		Hoje é exigido ao professor o desempenho de outros papéis para além de ser professor	B18	
		Hoje a carga burocrática é muito grande e desnecessária	B19, B20	
		Sente-se desmotivada com o ensino e se tivesse uma outra oportunidade sairia	B21, B22	
		Não sente reconhecimento da parte de ninguém	B23, B24	
		Não tem havido companheirismo por parte dos colegas	B25, B26, B27	
		O ambiente na escola piorou muito nos últimos anos em termos de relações com os colegas	B28 - B33	
		A avaliação veio estragar a relação entre os colegas	E13 - E17	
		Desafios axiológicos que se colocam hoje em dia	A sociedade hoje em dia vive valores completamente diferentes	C3, C4
			Hoje as pessoas não querem estabelecer relações de amizade	C5, C6, C7, C13
	Ainda que o professor queira ajudar, os alunos olham para o professor como um alvo a abater		C8, C9, C10	
	As pessoas não olham para a Educação Musical como algo necessário		C14, C15	

		As pessoas estão muito materialistas e só valorizam o que é imediato	C16, C17, C18, C19, C22
		Noutras escolas em regiões mais pobres as pessoas eram mais humildes e havia mais respeito	C20, C21
		Parece que por muito que tentem promover certos valores, os alunos não os assumem como seus	D12, D13, D14
O professor enquanto ser ético	Valores que promove com os alunos	Os direitos Humanos	D1
		Igualdade	D2, D3
		O respeito pela diferença	D4, D5, D6
		O respeito pelos outros	D7
		Saber ouvir	D8
		Saber estar	D9
		Convivência com os outros	D11
	Conduta na prática diária	Nunca toma decisões sozinha	E4, E8
		Procura sempre ajuda do Conselho de Turma	E5
		Procura ajuda da psicóloga	E6
		Tenta sempre resolver as coisas com calma e tem resultado	E9 - E12
		Antes de criar conflito é sempre preferível esclarecer as coisas	F1 - F3
	Dilemas que se colocam na sua prática diária	Por vezes há decisões tomadas pelo Conselho de Turma que depois não são respeitadas pelo Conselho Pedagógico e que traz consequências para os alunos	E1, E2, E3
		Já tem tido situações muito complicadas relacionadas com problemas familiares dos alunos em que lhe pediram ajuda	E7
Código deontológico	Comissão de elaboração do código deontológico	Deveriam ser pessoas da área das Ciências da Educação que têm muita prática	G1, G2, G3
	Vantagens	Seria uma forma de defesa dos professores perante a sociedade	F4, F5, F6, F7
		Serviria como elemento de regulação da profissão	F8
	Desvantagens	Limitará a autonomia do professor se for muito pormenorizado	F9 - F12